

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e PARGA RODRIGUES

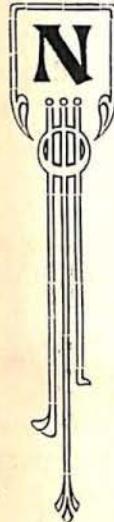
N.º 39

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1916

Anno IV

EDITORIAL

Futuro, honra e Independencia.



OS que tivemos a honra de iniciar o combate decisivo que hoje, com segurança de exito, está travado em prol da instituição do serviço militar obrigatorio no Brazil, temos encarado este problema sob todos os aspectos de real importancia, á luz da Historia, através da evolução social; á luz da logica, através de factos concretos; e á luz do senso pratico, através de opiniões insuspeitas emitidas por publicistas dotados de um seguro espirito de observação.

Os que tiverem acompanhado a logica dos argumentos que temos apresentado não se poderão furtar a um gesto de tristeza pelo estado de espirito dos que pensam destruir a nossa campanha dizendo que o problema da defesa nacional não reside na quantidade de quarteis e de soldados, mas na consciencia do povo, que só se pôde fazer grande e respeitado pelo trabalho pacifico, e que, em vez de carabinas, do que precisa é de enxadas, charrúas, industrias, commercio, administração e tribunaes respeitaveis.

Ora, todas essas bellas cousas são exactamente o que nós desejamos.

Mas então, onde está a divergencia? E' muito simples.

Imagine-se uma extensa e elevada montanha vasada em escarpas sombrias,

pontilhada de penhascos e lavrada de alcantis, ora núa e limosa, com agua a porear pelos clivos do basalto, ora sulcada de erosões profundas ou cortada de brechas abertas pelos cataclysmos, e minada por um labirintho de furnas, onde habitam monstros tenebrosos; ora coberta de matta bravia entrelaçada de cipó e ericada de espinhos, e habitada por uma fauna intelligente e voraz, disposta sempre a impedir a escalada.

Assim, só depois de uma insólita peregrinação por sobre o dorso escabroso e pelas anfractuosidades soturnas, levando de vencida a multidão infernal de obstaculos, será possivel ascender-se ao pincaro longinquo.

Imagine-se que nesse pincaro é que estão os bens sonhados, de uma perfeita organização social tranquilla e progressista.

Considerem-se agora dois povos que desejam alcançar essa felicidade. Um delles, enquanto a grande maioria dos individuos que o compõem se occupa em prover ás necessidades da collectividade, arregimenta um pequeno grupo, aprimora-lhe a instrução, afervora-lhe o amor e ensina-lhe o dever de sacrificio e abnegação por essa mesma collectividade; ensina-lhe o manejo das armas com que ha de defendel-a no momento necessário; exercita-lhe os musculos e a vontade, fortalece-lhe os pulmões e o caracter, a energia e a obediencia, a ordem e a disciplina. Ao lado dessa cultura de energias physicas e moraes, desenvolve-se em cada homem desse grupo a capacidade de trabalho. O homem que

maneja a carabina ou o sabre maneja tambem o alvião; faz pontaria mas escava fossos, atira mas ergue trincheiras; aprende a demolir mas abre picadas e constroe estradas; arremessa projectis, mas lança pontes, e, emfim, aprende a matar e a morrer para ser um defensor de vidas.

Quando esse pequeno grupo completa a aprendizagem sufficiente á pratica dessas virtudes e labores, volta ao reservatorio de onde proveio e é substituido por outro que vae passar pelas mesmas provas de trabalho, de cultura e de tempera. E assim, sem tentar em vão uma súbita escalada á montanha, em busca do ideal collimado, as qualidades masculas de energia physica e moral, trazidas pelos grupos successivos, vão se generalizando no povo, como uma recompensa pelos sacrificios com o custeio dessa instituição.

O outro povo, ao contrario, acha ridicula essa instituição, improductiva, parasitaria. Pois o talisman da paz e do progresso está no cimo da montanha, ali á vista: é só subir e alcançal-o. Não precisa de carabinas, mas de enxada e da charrúa. E assim discursam todos, mas a enxada e a charrúa são feitas de chiméra emmoldurada em palavras sonoras, porque, para manejá as reaes, os musculos estão lassos, os pulmões constringidos por um torax esqualido e inarfante, a vontade frouxa e a acção inscontante pela falta de uma escola de tenacidade e de abnegação. Mas o talisman está ali, no cimo da montanha. Elle trará a paz e o progresso, a felicidade suprema, a paz universal. E as charrúas rhetoricas continuam a sulcar o terreno ethereo da phantasia, onde são semeados sonhos côr de rosa, mas de onde só podem ser colhidos negros pezadellos. Os poucos que tentam a escalada da montanha se emaranham no cipoal da matta bravia e são devorados pela fáuna, ou perecem assombrados pelos monstros das furnas tenebrosas, ou nem mesmo attingem a essas pairagens e desfalecem ante os alcantis ou rolam pelo limo do basalto.

E, enquanto as charrúas da paz revolvem nebulosas, os campos continuam sem seára, a industria sem materia prima e sem braços capazes, e a administração, a politica e os tribunaes acoimados de vilania. E o talisman está ali na montanha, é só alcançal-o.

Mas enquanto este povo arrasta uma existencia incoherente, bordada de phantasias e atribulada por tétricos phantasmas, o outro, através da instituição organizada, infiltra em toda a massa os mesmos principios, generaliza a fortaleza de animo, desenvolve os musculos e a capacidade de trabalho e estabelece o espirito de sacrificio e abnegação pela causa commun. Os campos cobrem-se de seára esplendente, a industria floresce, porque braços possantes e espiritos disciplinados guiam as charrúas e dirigem o machinismo das fabricas. A administração e a politica, que presidiram á organização da grandeza do povo, recebem por sua vez o influxo reflectido, e a paz conquistada pelo trabalho intelligente e energico proporciona á communhão o progresso ambicionado.

E' que quando esse povo tentou a escalada da montanha, já não havia para elle obstaculos intransponíveis.

Deante da unidade de sentir, da convergencia de esforços, da tenacidade na acção, da robustez moral e physica, do preparo e do espirito de abnegação pelos interesses da communidade, as escarpas eram galgadas, os alcantis escalados, as brechas transpostas e a matta aberta em francas estradas. A fáuna voraz evitava o encontro com esse povo, que era assim desobrigado de utilizar as suas carabinas, e os monstros do abyssmo e das furnas tenebrosas diluiam-se e evaporavam-se como sombras espancadas pela luz do sol.

Está ahí, nessa pallida mas real imagem, explicada a divergência entre a acção constructora dos que pugnam pela instituição do serviço militar obrigatorio, e a acção phantasista dos que pregam o desarmamento e a paz nirvanica como meio

de alcançar uma sólida organização nacional; como se a rethorica e a indolencia fossem os agentes da organização do trabalho e pudessem reger a evolução de um povo que anceia por ser capaz de cumprir a sua missão historica.

Felizmente, as resistencias theoricas vão desapparecendo, e a idéa avança desassombradamente, já estando em vespertas de uma realização effectiva.

E' verdade que no proprio seio do Exercito tem surgido um ou outro chefe que, naturalmente por culpa do meio e da politica em que formou o seu espirito, não tem uma noção precisa da profissão que abraçou e do seu papel como elemento de construcção nacional. Só assim se explicam certas idéias retrogradadas externadas em entrevistas em que se aconselha para o Brazil a organização de um exercito *colonial*, como se as nossas aspirações politicas consistissem em nos escravisarmos a uma qualquer potencia estrangeira, e, por isso, devessemos desde já ir preparando o nosso desfibramento patriótico, para mais tranquillo dominio e goso da nova metrópole. Só assim se explica que, num lance de lamentavel descrença, tenham sido enunciadas estas palavras:

"Como se pôde imaginar susceptivel de successo uma campanha para cuja efficiencia faltam elementos de real valor?"

Como um balsamo ao desconcerto que estas palavras nos trazem, citemos aqui alguns trechos esparsos da oração de um soldado que, no vertice da sua carreira, e apezar da abulia inconsciente do meio militar em que a sorte o fez viver por tantos annos, não consentiu que se apagassem do coração o fogo sagrado do patriotismo e a fé ardente num feliz destino para a nação brasileira.

São estas as palavras confortantes a que nos referimos e que foram pronunciadas por occasião do compromisso dos voluntarios de manobra, em Porto Alegre, a 15 de Novembro proximo passado:

"Nesta hora suave, em que contemplo uma parte da minha Divisão magicamente transformada e com os caracteristicos dos exercitos modernos, sinto-me liberalmente compensado dos esforços que para isso despendi. Hoje o Exercito, ante a emoção da Patria, assiste, quasi sorprehendido, ao compromisso desta mocidade promissora. Elle comprehende que é uma geração de responsabilidade que se levanta protestando contra o desprezo da magna questão da Defesa Nacional — e se abraça á bandeira — mostrando com larguezza d'alma que não é o povo que deseja o esquecimento da Patria e das medidas preventivas de segurança interna e externa."

"O maior premio da vossa accão, voluntarios, é a mudez, o arrependimento intimo que forças aos espiritos maldosos e systematicamente destruidores da ordem, da disciplina, do respeito á lei e do amor ás cousas que pairam acima das personalidades! E é a demonstração claríssima do que será o Exercito verdadeiramente nacional, em alma e aspecto, em consciencia e força, em intelligencia e amor patrio!"

"Ahi está um esboço do que será a tropa do serviço militar obrigatorio com um anno de instrução!"

"E é por isso que, enquanto prometteis ao Brazil querido a vossa energia e affeição de moços, eu, que a elle já dei a minha mocidade e uma vida inteira de dedicações, volto-me para vós, e tambem prometto continuar á vossa frente conjugando esforços e esperanças para os fins genericos da Defesa Nacional.

"Moços! Trouxestes energias novas para o velho soldado que só aspira a grandeza do Brazil.

"Donairosos e fortes! Constituistes um dos primeiros contingentes do novo Exercito sadio e disciplinado.

"Patriotas! Sois dos que servem de exemplo, porque tendes nitida consciencia de vosso actos;" "porque representais agora a maior promessa de fé que o Brazil tem recebido;" "porque, nesse vosso gesto, ninguem poderá occultar a alvorada de nobres e novos ideaes e a promessa de uma geração mais digna do Brazil."

"Patria — eu te felicito pela prova de amor que hoje recebeste de uma parte dos teus dilectos filhos!

"Brazileiros — redobrai esperanças!"

No meio civil a propaganda é hoje intensa, e á medida que vozes autorizadas vão se fazendo ouvir, esclarecendo o assunto, eliminando preconceitos obscurantistas e mostrando o caminho que nos levará á constituição de um povo digno do nosso paiz, vão se accentuando as vibrações patrióticas e a acceptação carinhosa em todas as camadas pensantes de brazileiros.

Certamente, aos que organizaram a

exploração da anarchia em que temos vivido, não convirá a evolução da consciência nacional, que virá como um corollario dos benificios que essa instituição trará á sociedade, e que será uma barreira intransponivel á acção perniciosa dos elementos exploradores.

Uma das notas mais desagradaveis destes ultimos dias foi a desferida por uma das commissões do Senado, declarando unconstitutional a lei que instituiu a obrigatoriedade do serviço militar.

Embora estejamos convencidos da perfeita constitucionalidade dessa lei, não nos propomos a fazer demonstrações a respeito, porque, no ponto de vista em que o problema está collocado, ou ella é constitucional e deve ser cumprida para felicidade e segurança da nação, ou é unconstitutional e representa um argumento implacavel contra a Constituição, que se propõe a nos dirigir no caminho da ordem e do progresso e mente á sua destinação servindo de estorvo ao seu proprio *desideratum*.

Se assim fôr, o unico caminho será a reforma dessa Constituição, pois não se pôde comprehender que, pelo fetichismo constitucional dos que gosam situação privilegiada, vá um povo inteiro ficar estacionario no meio da evolução geral das nações vizinhas e remotas, compromettendo o seu futuro, a sua honra e a sua independencia.

TRIBUNAES DE HONRA NA ARGENTINA

A acção dos tribunaes de honra exerceita-se na Argentina em duas instancias: a primeira, constituída pelos Tribunaes Regionaes, com assento na séde de cada Região Militar, estende sua jurisdicção aos officiaes subalternos e superiores, até o posto de tenente-coronel (*jefes*), que residam na Região, qualquer que seja seu destino e situação; a segunda, representada pelo Tribunal Superior de Honra, com séde em Buenos-Ayres, toma conhecimento originariamente dos casos relativos a coroneis e generaes (*oficiales superiores*) e, em grão de

appellação, das sentenças dos tribunaes regionaes.

Estão sujeitos á jurisdição dos tribunaes de honra não só os officiaes activos e reformados do exercito permanente, mas tambem os da reserva do *Ejercito de Línea*, da Guarda Nacional e Territorial, e todos os que possuam estado militar com assimilação a qualquer posto de official.

O Tribunal compõe-se de cinco officiaes, — um presidente e quatro vogaes —, servindo de secretario o menos graduado ou mais moderno.

O Tribunal Superior de Honra é constituido pelos cinco generaes de maior graduação e antiguidade, dentre os sete que na Capital da Republica desempenham os seguintes cargos: Inspector Geral do Exercito, Chefe do Estado Maior, Director General do Pessoal, de Engenharia, da Administração, do Material e do Tiro e Gymnastica. Quando esses cargos não estão sendo exercidos por generaes, recorre-se, para completar o Tribunal, aos generaes de maior posto e antiguidade, pertencentes á 1^a e 2^a Regiões militares. A presidencia cabe ao mais graduado ou mais antigo.

Quanto aos Tribunaes Regionaes, seus presidentes são os proprios commandantes de Região, variando a composição do Tribunal com o posto e a categoria do official submettido a julgamento. Assim, para os tenentes-coroneis, os vogaes são os quatro coroneis mais antigos da Região, — ou da guarnição mais proxima de outra Região; para os maiores, os dois coroneis, o tenente-coronel e o major mais antigos; para os capitães, o coronel, o tenente-coronel e os dois maiores mais antigos; finalmente, para os tenentes, o coronel, o tenente-coronel, o major e o capitão mais antigos da Região.

Os presidentes dos tribunaes de honra, segundo prescreve o regulamento, conservam as facultades disciplinares conferidas pelo *Reglamento de Disciplina* aos commandantes de Regiões; quando, a seu juizo, a falta merecer um castigo que não esteja na sua alcada applicar, recorrerão ao Ministro da Guerra. De forma que, os tribunaes de honra, além de suas sentenças de effeitos puramente moraes, dão tambem logar á repressão disciplinar contra as faltas que se evidenciem no correr do processo, para o que dispõe de autoridade o seu presidente.

Quando a reunião de um Tribunal de

Honra Regional fôr motivada por facto ocorrido com official em actividade no exercito permanente, todos os vogaes são officiaes dessa categoria; mas se a reunião fôr provocada por assimilados, reformados, officiaes de reserva, etc., os dois vogaes menos graduados pertencem á categoria do official submettido a julgamento.

Não podem ser membros de um tribunal de honra, quando lhes toque essa função, os officiaes que estejam ligados por laços de parentesco com o causante, ou, a juizo do presidente, tenham tido intervenção no facto, de modo a não poder julgar sem levantar suspeitas de parcialidade ou interesse pessoal. Desde que esse caso se apresente, os vogaes serão substituídos pelos officiaes do mesmo posto que se lhe seguirem em antiguidade.

O desempenho das funções de membros de um tribunal de honra é obrigatorio e irrecusável para os officiaes e assimilados do exercito permanente, em actividade, e de acceitação facultativa para os demais; mas, destes, os que sem causa fundada, — a juizo do tribunal —, renunciarem a essa função, perdem o direito de tomar parte em julgamentos futuros.

Quanto, porém, aos officiaes ou assimilados da activa, que sem causa fundada faltarem ás reuniões a que tenham de comparecer, esses commettem falta grave, julgada e punida pelo presidente do tribunal.

Escolhidos que sejam os officiaes que devem compor o tribunal, este não fica desde logo constituído, pois os vogaes podem ser recusados, mediante causa justificada, ou podem eximir-se, fundamentando os motivos perante o tribunal, que resolverá a respeito. A eximição, porém, será sempre aceita, desde que se trate de motivos relacionados com o official submettido a julgamento, envolva assumptos de honra de terceiros; ou o eximido declare por escripto não poder manifestar a causa, devido á sua propria delicadeza, que o impede de agir imparcialmente como membro do tribunal de honra.

Em todos os casos de recusa ou de eximição, remette-se uma copia do resolvido pelo tribunal, com os fundamentos, para figurar na fé de officio do official (*legajo personal*).

Vista, assim, a largos traços a constituição dos tribunaes de honra, vamos re-

sumir as prescripções relativas a seu funcionamento e á extensão de suas resoluções.

As reuniões e resoluções do Tribunal de Honra são secretas para os officiaes e demais pessoas que não tenham interfe-rencia na acção. Durante as reuniões os vogaes podem fazer uso da palavra, na ordem successiva de suas graduações, a começar do menos graduado, formulando as perguntas que julguem necessarias, com prévia permissão do presidente.

Quando o tribunal, por maioria de votos, julgar necessário effectuar uma in-dagação, seu presidente designa um de seus membros para, com o secretario, con-stituir uma *Comissão de Honra*, á qual incumbe estudar o assumpto e proceder ás averiguações que o caso exigir. O tri-bunal pôde tambem mandar proceder a in-vestigações parceladas, ou em localidades differentes, para o que nomeará duas ou mais *Comissões de Honra*, compostas de officiaes de qualquer parte da Região, aos quaes fornece os antecedentes do caso afim de que o esclareçam.

Taes sejam as circunstancias, e o presidente do Tribunal poderá solicitar do tribunal de honra de outra Região o com-parecimento de officiaes implicados, ou que devam ser ouvidos no caso, os quaes ficarão submettidos á acção do tribunal requisitan-te.

As Comissões de Honra, depois de apurados os factos que lhes incumbe es-clarecer, lavram uma acta, da qual devem constar as averiguações, declarações, etc. que tenham tido lugar, tudo feito no me-nor prazo possivel.

A defesa do official perante o tribu-nal tem que ser feita por elle proprio, ver-balmente ou por escripto, podendo, porém, estar acompanhado por um outro official, não só nesse acto como em qualquer ou-tro que com o facto se relate, tal como a occasião em que tenha de fazer decla-rações, etc. Permitte-se-lhe não só con-sultar a esse official, como levar consigo to-das as notas, livros ou documentos que julgue necessarios.

E' obrigaçao do tribunal comunicar ao individuo sujeito a julgamento a causa, o lugar, dia e hora da reunião, afim de que o mesmo possa fazer sua defesa no prazo arbitrado.

Se o interessado, sem motivo fundado, a juizo do tribunal, não comparecer ou

não quizer defender-se, a resolução será tomado á sua revelia, constando o facto da sentença.

Quanto á resolução definitiva do tribunal de honra, ella é tomada por maioria de votos, em forma clara, breve e precisa, firmada por todos os membros, devendo os que estejam em dissidencia fazer constar dos autos essa circunstancia, motivando-a.

O voto dos juizes é dado em consciencia, tacitamente considerado como sendo sob palavra de honra de cavalheiro e de soldado. Os membros do Tribunal em suas apreciações, juizos e resoluções devem inspirar-se na mais estricta circumspecção e equidade, adoptando como criterio o que melhor convenha a seu proprio bom nome e á sua honra; sobretudo, procurarão favorecer o verdadeiro espirito de companheirismo, a moral, o prestigio e a união do corpo de officiaes, observando severa rectidão e justiça, sem exageros nem debilidades.

As resoluções definitivas dos tribunaes de honra na Argentina enquadram-se em um dos seguintes limites:

A. Absolvição: (Por maioria ou unanimidade de votos).

- a) por falta absoluta de culpabilidade;
- b) por culpabilidade devida a imprudencia.

B. Admoestação por falta leve: (Por maioria ou unanimidade de votos).

a) fazendo constar se ha attenuantes, e se a falta affecta ou não a bôa educação do admoestado;

b) fazendo constar se ha aggravantes, e se affecta ou não a boa educação do admoestado.

C. Admoestação por falta grave: (Por maioria ou unanimidade de votos).

a) Fazendo constar se a falta constitue facto isolado, e se affecta ou não a boa conducta do admoestado;

b) se é conducta habitual, e se affecta ou não o bom nome do admoestado.

D. Desclassificação por falta gravíssima. (Por unanimidade de votos).

Applica-se quando attingida a propria honra, a de um ou mais officiaes, ou a do Exercito.

No limite A, o tribunal envia uma cópia da resolução para a fé de officio do causante, e emprega todos os esforços para tornar conhecido o seu bom nome e honra,

sua não culpabilidade, destruindo com a propagação da verdade as murmuracões e falsos conceitos que existirem.

No limite B, admoesta o causante, ao qual chama a attenção por escripto, enviando cópia da resolução para sua fé de officio.

No limite C, o tribunal, no primeiro caso, envia cópia da resolução para a fé de officio do causante; e no segundo, além disso, intima-o a corrigir-se num prazo peremptorio, que fixará. Se elle não se corrigir, o chefe sob cujas ordens serve comunica-o á autoridade superior.

Quando o limite C se applica a um official reformado, o tribunal pede ou não a privação do uso do uniforme, conforme o resolvido.

No limite D, não appellado ou resolvido em grao de appellaçao, o presidente do tribunal solicita do Ministro da Guerra a suspensão do emprego do causante, remetendo cópia da resolução para sua fé de officio. Este limite implica na desclassificação por má conducta para a promoção, constando da resolução do tribunal se o causante, uma vez reformado, tem ou não direito ao uso do titulo e do uniforme. Quando se trata de official reformado, a resolução do limite D implica na perda do posto e do uniforme.

Se o limite D fôr resolvido sem obter unanimidade de votos nem na primeira instancia nem na appellaçao, o causante fica comprehendido no segundo caso do limite C, sem prejuizo do castigo disciplinar que lhe possa corresponder.

O regulamento argentino frisa ainda que o Tribunal Superior de Honra, ou um Tribunal Regional, quando tiver de emitir parecer sobre consulta da autoridade superior, deve ter presente que a privação do goso e uso do uniforme não se impõe sómente como castigo moral, mas tambem como resalva do prestigio do proprio uniforme.

Quando a sentença do tribunal de honra impuser a um official que retire as offensas assacadas contra outro, ou se retrate delas, ou do procedimento que haja tido, o cumprimento da resolução começará dentro do prazo de 24 horas, a partir do momento em que se fez por escripto a comunicação ao offensor e ao offendido. Se as offensas tiverem sido publicas, sua retirada, ou a retratação, poderá ser publicada nos jornaes, a juizo do tribunal e vontade expressa do offendido.

Considera-se falta grave, julgada e castigada pelo tribunal, que pôde pronunciar até a privação do posto, o não acatar a resolução do Tribunal de Honra. Este solicita da autoridade competente o castigo que a seu juizo mereça o desacatante, examinadas as causas que motivaram o desacato; do facto apurado enviará ou não cópia para a sua fé de officio.

(Continúa)

E. Leitão de Carvalho

A Aviação Militar no Brasil

Existem segundo as modernas organizações das esquadras aereas as seguintes unidades: o grupo, a esquadra e a esquadrilha. Anteriormente a esta organização o serviço era feito isoladamente, o que occasionava sérios perigos e numerosos acidentes; em segundo lugar, os resultados eram pouco satisfatórios. Em se tratando, por exemplo, do serviço de bombardeamento, este tornava-se não só infructífero como ainda mais perigoso, dando lugar a presa de apparelhos carregados de explosivos, devido à falta de protecção.

Ora, na combinação das diferentes armas combatentes, o arranjo deve ser feito de forma que todas se auxiliem mutuamente, cooperando para o mesmo fim e evitando todo e qualquer desastre oriundo das surpresas. Assim vemos, por exemplo, quando marcha uma divisão, o papel importante da cavalaria, quer como tropa de exploração, quer como de cobertura, garantindo sua marcha até o combate. Foi sem dúvida alguma de onde surgiu a organização do grupo aereo e suas sub-divisões, aproveitando-se para isso as propriedades e aptidões dos apparelhos.

Alem disto, já tinha sido provada pela prática a inefficacia do bombardeio isolado.

Podemos fazer uma ligeira comparação entre as duas classes de apparelhos, o *Biplano* e o *Monoplano*, com as duas armas *Infantaria* e *Cavalaria*; onde representa o *Biplano* a primeira por ser menos veloz e o monoplano a segunda por ser mais ligeiro.

Feitas estas considerações, vamos ver como operam os grupos na guerra actual, descrevendo sua composição, ordem de marcha e serviços a desempenhar.

Um grupo recebe hoje ordem para bombardear uma certa zona ou um determinado local; esta ordem geralmente é dada com antecedencia, conforme a importancia do serviço.

Logo após a ordem, se reunem os aviadores escalados, e vão fazer um meticulo estudo das cartas topographicas da zona em que devem operar, nellas assinalando todos os pontos a bater, e, ao mesmo tempo, combinar todas as manobras a executar, segundo a missão de cada um.

Chega a hora da partida.

No campo estão todos a postos, obedecendo á ordem estabelecida na organização do grupo. A voz de marcha, levanta vôo a primeira esqua-

dra de caçadores (todos monoplanos) que fazem a vanguarda, em segundo lugar levanta vôo a esquadrilha de bombardeadores (todos biplanos) e mais duas esquadrilhas de caçadores que flanqueiam os bombardeadores.

Em terceiro lugar levanta vôo a esquadra de bombardeadores (grossos); ladeando esta esquadra, levantam duas esquadrilhas de caçadores-flanqueadores; atras do grosso dos bombardeadores levanta a esquadra de observadores com duas esquadrilhas de flanqueadores e, fechando a retaguarda, uma esquadra de caçadores.

Assim marchando, os bombardeadores e observadores vão perfeitamente garantidos contra os ataques de aviões inimigos; estes, qualquer que seja a direcção do ataque, terão sempre que enfrentar os caçadores de vanguarda, flanco ou retaguarda.

A primeira esquadrilha de bombardeadores tem por objectivo assignalar os principaes pontos a serem bombardeados e, assim indicado o local da ação, o grosso ou esquadra lança todo o explosivo nesses pontos e suas adjacencias; feito isto todo o grupo retrocede, e a esquadra de observadores, tripulada por officiaes de Estado Maior, observa os resultados na passagem, afim de melhor poder avaliar o effeito alcançado.

O caçador e o bombardeador são dois typos de aviadores dos quaes são exigidas qualidades especiaes alem dos predicados communs de pericia e bravura.

O caçador deve ser audacioso, arrojado, intrepido, aggressivo, levando o seu espirito de ofensiva ao ponto de não medir sacrificios quando uma bôa presa se lhe depare.

O bombardeador deve ser calmo, reflectido, cauteloso, habil reconhecedor dos accidentes topographicos, e saber tirar, para o lançamento das bombas, o melhor partido dos phenomenos atmosphericos, da velocidade e da altura de navegação, tendo a cada instante pleno dominio sobre si mesmo, de modo a poder alliar ao ardente empenho de cumprir sua missão um nobre e digno sentimento de humanidade, que lhe impeça de exercer qualquer ação destruidora sobre cidades, aldeias ou bairros onde não haja objectivo militar digno de consideração.

(Continúa)

1º Tenente Villela Junior.

REFLEXÕES

Parece-nos que desta feita o serviço militar obrigatorio terá a sua consagração no dominio das cousas reaes.

A nação inteira deverá rezizar-se com o advento deste acontecimento que corresponde precisamente ao desejo daquelles que aspiram ver a sua Patria sahir do estado amibico em que ainda se acha.

A pratica deste principio produzirá fatalmente efectos salutares, porque a tanto importa a transformação da caserna, de uma escola de vicios como querem os seus diffamadores gratuitos, numa outra onde cada cidadão aprenderá assim a manejar o fusil, a lança e o canhão, como a obedecer e a mandar, a respeitar e a fazer-se respeitado, a ficar imbuído do espirito de justiça e de sacrificio, a cultuar melhor a bandeira, a tornar-se em synthese disciplinado.

A propagação desse phemoneno exercida sem ancas, mas inalteravel e ininterruptamente, alem de homogenizar o sentimento nacional, terá como consequencia logica, dentro de alguns lustros, a libertação do nosso caro paiz da garabulha em que se tem esgotado esterilmente.

O exercito assumirá dest'arte uma feição genuina e só então poderá esperar com tranquillidade que surja uma «autoridade suprema e irresistivel», que possa forçar as nações a se conformarem com a lei nas suas relações reciprocas e a compôrem as suas contendas por pacifica arbitragem». (1)

Fanada será a nação que, em face da empolgante tragedia que absorve (ha dous annos !...) a atenção mundial, pela sua extensão e repercução sem precedentes, continuar julgando exequivel, pelo menos em nossos dias, o problema da reducção geral do armamento e limitar-se, em consequencia, a esconjurar platonicamente a guerra "esse duello em vasta escala", consciente de que por tais processos conseguirá viver em segurança.

Seria sem duvida excellente que á face do nosso planeta só se praticasse o Bem, o Verda-deiro, o Bello e o Justo como apregoa o notavel republicano Arriaga em suas "Harmonias Sociaes"; emquanto, porém, no seio dos congressos e conferencias internacionaes houver quem faça apologia da Força, "toda e qualquer nação está exposta a ser algum dia envolvida em guerra". E' bastante que, por um mal-entendu — um caso de desinteligencia pessoal seja convertido em internacional — para ver-se o paiz a braços com esse "homicidio".

E uma vez operada a mutação atravez das invisiveis malhas da... intriga internacional, será fatalmente humilhado o paiz cujos dirigentes se tenham preocupado unicamente, no decurso da paz, com demonstrações sedicias da "illegitimidade da guerra", votando a um imperdoavel abandono os graves problemas de organização do Exercito, da consolidação das suas reservas pelo constante aperfeiçoamento de sua instrucción, do desenvolvimento continuo do espirito de nacionaldade, mediante a pratica de todas as virtudes civicas, do melhoramento do seu material de guerra, do conhecimento profundo dos theatros provaveis de operações, etc., etc.

Comprehende-se facilmente que se, apezar da sua tendencia pacifista, qualquer nação por maior que seja, for arrastada á guerra, não será com demonstrações anti-bellicas que conseguirá manter a sua soberania.

Lemos alhures que "poucos dos grandes movimentos do seculo são de tão extraordinaria importancia como estes, para a suppressão da guerra.

Nos ultimos tempos têm sido feitos os mais nobres esforços para este fim por Bright, Victor Hugo, H. Richard, Bradlaugh e outros", principalmente na Inglaterra.

Entretanto é foçoso dizer que a historia não havia ainda registado acontecimento guerreiro com a amplitude do actual; jámais a "rainha dos mares" pensou em compellir os seus filhos ao serviço militar, ella que tinha *Sociedades da Paz* contando centenas de milhar de membros...

E por ter sido arrastada a tal extremo, no

momento critico bem vimos as consequencias, por demais recentes, para que nos detenhamos em commentarios.

Sejamos, pois cautelosos; preguemos a paz como sendo o ideal da humanidade: concorramos condignamente a todos os congressos e conferencias internacionaes que tenham por escópo a garantia da paz; assignemos todas as convenções promovidas com o fito de refinar o sentimento dos povos; ractificaremos todos esses actos nobilitantes da especie humana, mas — comitamente — empenhemmo-nos — pelo... feliz exito da questão vital do nosso exercito e da nossa Patria.

1º Tenente *Paulo Bastos.*

A CRITICA

Entre as usanças estrangeiras implantadas no Exercito, sob o prestigio official do nosso Estado-Maior, a critica tem, sem duvida, como processo de instrucción da tropa, um lugar notavelmente destacado.

Ninguem mais lhe regateia aplausos ou teme, siquer, a contraprova dos seus fecundos reparos, porque á medida que ella entre nós, se aperfeiçoa, vão desaparecendo aquelles rancidos assomos de um orgulho mal entendido dos *troupiers* da papelada e dos sinistros philosophantes de farda.

Todos que estudam com ardor a militância e só a custo podem, consequentemente, aplainar as difficuldades dos regulamentos, volvem-se hoje agradecidos para quem lançou no exercito essa maneira vantajosa de ensinar.

De ensinar e de aprender. Porque tambem os chefes, investidos da prerrogativa tão delicada de emitir opinião segura a respeito de um problema tactico resolvido, não podem mais restringir-se ás censuras faceis e aos louvores collectivos, que punham sempre os elogios na mesma gradção hierarchica dos postos.

Ao commandante que emenda, ou ao director de manobra que corrige, não basta apenas desaprovar uma operação ou um movimento, mas deve expor com clareza e precisão as razões por que o fez e indicar de uma maneira positiva o modo pelo qual agiria se estivesse colocado no lugar do interessado (art. 146 R. M. E.).

Ora esta critica, assim encarrilhada aos termos do regulamento, consciente e sizuda, nós do 4º R. I. tivemos a ventura de executal-a, na quinzena de manobras que recemfindou.

Passaram felizmente e não mais voltam as criticas acepilhadas da 2ª Brigada Estrategica, as quaes, não obstante as obscuridades tacticas de uma acção conduzida sem methodo e sem ordem, resumiam: a infantaria do ataque avançara com vigor; a infantaria da defesa mantivera-se no mesmo terreno, com bravura; foram impeccaveis as duas artilharias defrontantes, tão sempre vivo houvera sido o seu fogo; a cavallaria, arma legendaria, essa brilhara... e num tom complacente e monotono, que recordava uma parte de combate do Paraguay, onde o rubro entusiasmo do triunphio, ainda quente, predispuña o espirito dos chefes a desculpar senões já retocados pelo fogo do inimigo, rematavam com um jacto pomposo de elogios vexatorios.

(1) "A Conquista da Felicidade Universal", de P. Mantegazza.

Caiu tambem da moda a critica crepuscular, a critica cega que num apice annullava todo o esforço do official, compromettendo-lhe por vezes a propria reputação com sentenças estereis, como esta : "seu pelotão andou pessimamente e delle não escaparia um unico soldado."

A critica deste anno, ao revez de conceitos desalentadores, ou puramente lisongeiros, ouvia attenta, a exposição dos arbitros, dos chefes de partidos e até dos commandantes de pequenas unidades, para então começar pela apreciação geral e quanto possivel completa do "conjunto da manobra, desde o seu inicio, salientando cada uma das *phases* principaes da accão e mostrando *nitidamente* a situação que della resultou para cada um dos partidos" (arts. 142, 143 do R. M. E).

Tomemos um exemplo, reproduzindo passagens do exercicio de 18 de Outubro, que consistio na conducta e defesa de um comboio.

O thema figurava um comboio de 20 viaturas, a ser conduzido de S. José dos Pinhaes para Curityba pela estrada do Portão. E como nos caminhos a N. O. da linha de marcha se assignaram patrulhas da Cavallaria inimiga, sita em Campo Largo, o commandante da brigada acantonada em Curityba, deu-lhe uma companhia para escolta e mais uma esquadra de cavallaria.

A's 11 horas o capitão A... recebia do quartel general esta ordem :

7ª Brigada de Infantaria — Quartel general da brigada, em Curityba, 18. 10. 916, 10.30

O inimigo occupa a cidade de Campo Largo. Foram vistas hoje, ás 6.20 do dia, ao NO. do Portão, 2 patrulhas de cavallaria inimiga. Marchae para S. José dos Pinhaes, com a vossa companhia e com una esquadra de cavallaria que se vos apresentará, afim de conduzir para aqui um comboio de 20 viaturas. — X... general de brigada."

(Esta ordem escripta supposse transmittida ao commandante do 4º R. I. por um ajudante de ordens.)

Pedia-se ao capitão A... :

1º, a organização do comboio; 2º, a sua disposição de marcha; 3º, a defesa do comboio, supondo-o ameaçado em seu flanco esquerdo durante a marcha.

Não nos detemos, ainda a correr, em mostrar como o capitão A... desempenhou sua missão. A propria critica, reduzimol-a à summula destas asserções :

1º — Na formação da columna o capitão A... não déra, como é de regra, guarnições particulares aos grupos de viaturas;

2º — Embora assignaldo o inimigo ás 18.05, o commandante só veio ter á vanguarda 15 minutos depois. Chegando, voltou logo, sem tomar providencias especiaes, mormente no tocante á exploração do flanco esquerdo, apezar de ter havido um tiroteio escasso;

3º — Ao revez de cerrarem umas sobre as outras, as viaturas avançaram ate a vanguarda num momento em que ainda havia indecisão a respeito da attitude do inimigo;

4º — O comboio parou, durante o ataque de flanco que soffreu, pouco adiante do Grupo Escolar, quando, ao contrario, cumpria-lhe escapar-se, se a flanco-guarda o permittisse como devera permitir;

5º — O capitão A... levou muito tempo sem assumir a direcção geral do combate.

Vanguarda : 1º — Esquecendo seu destino principal — de reservatorio de exploradores — a ponta de continuo misturou-se á testa da vanguarda;

2º — O grosso da vanguarda não marchou grupado;

3º — Num incomprehensivel despreso de sua missão — apenas protectora e essencialmente defensiva — a vanguarda ia empenhando, por conta propria, um combate offensivo.

Flanco - guarda : 1º — A flanco-guarda não procedeu ao minimo escalonamento, apegando-se estreitamente ás viaturas do comboio;

2º — Permaneceu á orla da estrada durante o ataque de flanco e atirou sem disciplina de fogo, quando, no caso, lhe competia investir contra o inimigo, que estava muito proximo;

3º — Manteve longamente um fogo inutil, porque os atiradores inimigos estavam duplamente abrigados — pelo terreno e pelo crepusculo — o que aconselhava, de preferencia, um ataque á bayoneta, em pequenos grupos bem cohesos.

Guarda da retaguarda : 1º — Não escalonou em profundidade, mão grado a probabilidade de um ataque á retaguarda do comboio;

2º — No começo do ataque houve uma confusão momentanea na secção mais proxima das viaturas, que ficou algum tempo sem comando;

3º — A outra secção, dirigida por um inferior, defrontou em plena estrada — a principio de pé, e ajoelhada depois — o inimigo, que atirava de muito perto e deitado.

Resultado : O comboio seria destruido ou preso, se na realidade o houvesse atacado um esquadrão de cavallaria bem dirigido.

Se registassemos aqui, alongando-nos, a discussão com que o commandante Menna Barreto justificou taes asserções, veríamos applicado, em sua maxima plenitude, o art. 145 do regulamento de manobras do Exercito. E veríamos que sua critica teve o aspecto lucrativo de uma lição, porque só se mostrou intransigente com as fórmulas tacticas que fugiram ás prescrições formaes dos regulamentos.

A critica deve ser isto mesmo: um saber mais experimentado sobrepondo-se lucidamente ao saber vacillante dos que começam a lidar com os catecismos tacticos.

Mas então impõe-se que o director de manobra os conheça, e aponte, nas soluções erradas, os preceitos infringidos, de modo a levar os camaradas mais jovens a versal-os novamente e a novamente reflectil-los.

1º tenente *Daltro Filho.*

Notas sobre a Iniciação Táctica do Atirador

II

13 — A automatisação do flexionamento é agora o mais importante.

14 — "A voz — *Por lances!* Os atiradores acabam de carregar e travam as armas, fecham as cartucheiras e se preparam para levantar. Estando deitados, passam a arma para a mão esquerda, apoiam a direita no terreno e approximam o joelho direito o mais possível do corpo sem le-

vantar no emtanto o busto do terreno.” (R. E. I. 209.)

Automatisam-se essas prescripções por um processo original, mas que dá os melhores resultados. Exige-se dos recrutas enumerar cada uma dellas a proporção que as executa.

Commanda-se *Por lances!* ao que os homens gritam e vão executando:

Acabo de carregar o fuzil! — Travo o fuzil! — Passo o fuzil para a mão esquerda! — Fecho as cartucheiras! — Apoio a mão direita no terreno! — Approximo o joelho direito o mais possivel do corpo sem levantar o busto!

Esse exercicio deve ser repetido muitas vezes em cada tempo de instrucção.

15—Complementarmente, lança-se mais um meio para alcançar a consciencia do automatismo. Então, determina-se que os homens completem suas affirmações ao realizar os movimentos dizendo os *porques* de cada um delles, respectivamente.

Por lances! Cada homem grita:

Acabo de carregar o fuzil! para após o lance ser capaz de abrir fogo, instantaneamente! — Travo o fuzil! para evitar uma baixa e a perda de um cartucho! porque *arma carregada arma travada!* — Passo o fuzil para a mão esquerda! para utilizar a direita no levantar! — Fecho as cartucheiras! para não perder munição durante o lance! — Approximo o joelho direito do corpo o mais possivel sem levantar o busto! para ficar presto a levantar e offerecendo o menor alvo!

16—Esses exercicios são feitos com os homens deitados, por ser esse o caso mais geral. E' por demais facil organisal-os para as outras posições. Basta suprimir o que diz respeito a movimentos não existentes nestas.

17—A pratica desse metodo deve ser dada em terreno chato e até se possivel no pateo da caserna. E' obvio que elle só se applica para recrutas. Seria pueril adaptal-a a uma companhia ou batalhão que resolvessem um thema.

18—Em principio applica-se esse processo de instrucção individualmente. Após os primeiros progressos vae-se á fila. Só quando ha aproveitamento real alcança-se a esquadra. E' preciso evitar sempre a confusão e suas más consequencias. Como principio cada fila de recrutas deve ser vigiada por um *munitor*.

19—Quando os movimentos e as ex-

clamações attingem o ritmo necessario é opportuno alguns exercícios com toda a escola.

20—Nunca se pense que no campo os homens sejam obrigados á rigidez desses exercícios. Estes, apenas são *um meio de enraizar em cada atirador a utilidade e exequibilidade* dos movimentos regulamentares. E' sabida a tendencia dos recrutas a não acreditarem que os detalhes dos ensinos sejam imprescindiveis no combate real.

21—“A interrupção do fogo á vontade se faz á voz — (*Tal*) *pelotão! Cessar fogo!* a qual é repetida em voz alta por todos os commandantes de esquadra e, se não fôr bastante, por todos os homens. A voz *Cessar fogo!* interrompe-se *imediatamente* o fogo e todos os *movimentos* de carregar.

Os atiradores que estavam apontando retiram as armas, faz-se completo silencio e volta-se toda a attenção para o chefe aguardando novas ordens.” (R. E. I. 219)

Ainda o mesmo processo.

Cessar fogo! Interrompo instantaneamente o meu tiro mesmo que esteja apontando! Esforço-me pela transmissão da “voz”! Fico silencioso e com a attenção para o meu chefe!

Quando já treinados assim passam os homens ás justificações: Interrompo instantemente o meu tiro mesmo apontando! para dar o exemplo da disciplina de fogo! Esforço-me pela transmissão da “voz”! para que não haja mais um tiro! Fico silencioso e com a attenção para o meu chefe! para ouvir e esperar ordem!

22—Para a abertura do fogo ainda o mesmo methodo. O problema é que, instintivamente, os homens mostrem com o braço o objectivo designado, transmittam com *rapidez* e *clareza* os elementos do fogo e graduem instantaneamente a alça.

Atiradores inimigos em frente direcção da casa branca! Alça 800 ms.! Fogo á vontade! — Bateria atrelada trotando estrada á direita do engenho! Alça 1200 ms. Apontar! fogo! Carregar! Apontar! fogo!

Assim devem ser os exercícios de abertura do fogo. Os commandos devem ser nitidos e energicos, as transições de boca em boca rápidas e fogo fulminante. Esses exercícios só diminuem a intensidade quando as funcções dos atiradores estiverem absolutamente mechanisadas.

23—A seguir aos rudimentos da theo-

ria do tiro e aos da nomenclatura do fuzil deve-se dar noções exactas das *naturezas e applicações* do fogo.

Quando desse gráu preliminar e para que depois os homens possam tirar o maximo rendimento dos exercícios de automatisação é indispensavel ministrar-lhes lições precisas sobre os detalhes do combate em atiradores. São proibidas referencias generalisadas á tactica. Trata-se de educar atiradores contra atiradores Isso é o que de resto nunca deve ser esquecido.

24 — Os processos de designação dos objectivos como os meios rápidos para as graduações de alças devem ocupar uma posição notável nesse ensino.

25 — Cabe ainda nesse grau ensinar-se aos homens que todo o fogo deve ser *preparado*. É importante decompor as operações da preparação do fogo e estudal-as separadamente. A importância do *reconhecimento e afferimento* do terreno deve ser resaltada. Em todas as sessões a linguagem empregada tem que ser a do campo para entranhar nos homens o que lhes é *indispensável*.

26. — No periodo da automatisação do flexionamento os homens devem accusar o que lhes sucede ou como ficam.

Exemplos: *Dobrar intervallos!* formamos linha tenue! — *Diminuir intervallos a um passo!* formamos linha densa! — *Por lances — rastejando!* atravessamos zona de grande visibilidade! — *Por lances — marche-marche!* atravessainos zona batida! *Abrigar completamente!* ocupamos posição e não vamos abrir o fogo! — *Continuar o fogo!* os elementos são os mesmos do ultimo fogo cessado! — *Fogo mais lento!* A velocidade do tiro deve ser diminuida! — *Fogo mais vivo!* A velocidade do tiro deve ser aumentada!

Quando após grandes extensões em ordem aberta dá-se a voz de *unir!* atraz de uma coberta ou abrigo, os homens decloram: Vamos reparar o animo! recobrar energias! veremos nosso chefe!

27. As applicações desse metodo são inumeras. Quanto mais habil o instructor melhores serão os resultados conseguidos.

Mario Travassos.

* * Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

As Formações Sanitarias Regimetaes

Quem tenha bem penetrado as entrelinhas do meu ultimo artigo terá percebido desde logo que o intuito do autor se amarra na emancipação de todo o pessoal de saúde das companhias e na sua consequente passagem para o estado-menor do corpo onde elles ficarão sob o commando do ajudante no que diz respeito a administração; e como o ajudante não tem nada que fazer com elles, os põe á disposição do medico mais graduado, sob cuja chefia immediata ficarão em suas relações com a instrucção, quando outra cousa não seja possível fazer, isto é, crear nos regimentos de infantaria a 10^a companhia destinada exclusivamente a um serviço especial: o de saúde.

Postos, nestas condições, todos estes homens da Formação Sanitaria Regimental á disposição do respectivo instructor natô, forçado, natural, o medico do regimento, teríamos esboçadas no seguinte quadro que me não cansarei de pôr sob as vistas do leitor, para que melhor as fixe, as idéas que de ha muito venho defendendo:

Formação Sanitaria	Pessoal	1 capitão-medico. 3 primeiros tenentes-médicos. 1 primeiro sargento enfermeiro-mór. 3 segundos sargentos de saúde. 3 terceiros sargentos de saúde. 6 cabos de saúde. 48 padoleiros. 2 corneteiros. 4 coductores.
	Material	12 padiolas Franck. 3 padiolas Franck com suporte para mesa. 1 carro para condução de feridos. 6 pares de cacolets e liteiras. 1 galhardete de neutralidade. 60 braçaes de neutralidade. Material de curativos. Marmitas termicas. Barracas.

Obtida, pois, tal como deixei exarada e tentei defender em meu artigo anterior, a organização da Formação Sanitaria Regimental, intuitivo é dizer-se, a seguir, o que ella vae fazer.

Ainda aqui tem logar considerar-se a Formação Sanitaria de seus dois pontos de vista, a saber: serviço de paz e serviço de campanha.

O serviço de paz bifurca-se no serviço de saúde regimental propriamente dito desdobravel ainda em visita medica, gestão de enfermaria regimental e escripturação do referido serviço, e na instrucção.

Da visita medica já falei algures: o bastante para se ver como a encaro nos corpos de tropa.

Da gestão da enfermaria regimental é inopportuno falar agora porque equivaleria a fazelhe a regulamentação e não é aqui o logar para isto.

Da escripturação do serviço sanitario regimental é ocioso dizer qualquer cousa quando os

proprios titulos dos modelos para tal fim já instruem bastante a quem a tenha de fazer.

E' da instrucção do Serviço Sanitario Regional, pois, que eu quero falar.

Distinguiremos duas especies de instrucção: a primeira propria aos padoleiros a segunda pertencente aos cabos de saúde.

A instrucção de padoleiros se realiza por meio de vozes e deve ter como preliminar a instrucção individual de todo o soldado, encontra-dica em nossas instruções de infantaria e cavalaria, para onde remetto o leitor sequioso de traquejo profissional, e que deve constituir a primeira parte da instrucção.

A me hodização da instrucção a torna divisível em cinco partes.

a) Instrucção do manejo da padiola.

b) Instrucção dos primeiros socorros.

c) Instrucção do levantamento dos feridos e sua instalação na padiola.

d) Instrucção do apeiamento dos feridos montados.

e) Instrucção para embarque e desembarque de feridos em trens ou em navios.

A tarefa principal do padoleiro é levantar e transportar os feridos do campo de batalha.

Fiada em que os padoleiros não serão empregados em outro serviço senão o de saúde é que a Convenção de Genebra conferiu-lhes o brácal de neutralidade, que elles têm tambem o direito de usar.

Por igual motivo é lícito substituir a carabina de combate pelo revolver de defesa pessoal e o sabre curto pelo sabre longo afiado; elles levarão a mais a bolsa de padoleiros.

Não está, pois, na tenda da convenção, o exercito que não tendo o padoleiro profissional improvisa-o do soldado combatente, empregando-o, ora em uma, ora em outra função indiferentemente, sobre rejudicar profundamente as duas funções.

Mas, dir-se-á: como pretenderem-se padoleiros profissionaes quando o que é moderno hoje em materia de organização militar é que o ser soldado não constitua uma profissão ou meio de vida; que o exercito não seja mais do que uma escola onde o cidadão civil venha aprender o que lhe cumpre saber para quando a Patria pedir a seus filhos que a defendam, elle poder derramar o seu sangue em holocausto, no altar dessa mesma Patria; é mais um mistér que lhe incumbe desempenhar na vida pratica e de cujo aprendizado elle não tem o direito de desdenhar.

Não hão de ser, porém, os bachareis, os engenheiros, os medicos, os deputados ou enfim quaesquer filhos-familias que havemos de pôr na padiola para conduzir feridos apesar de que nada ha de humilhante ou deprimente antes nobilitante e honroso, em tal encargo; os padoleiros, entretanto, precisam ser homens mais robustos do que o vulgar dos homens e só a plebe nos dará homens em condições de sel-o; o padoleiro tem que ser tirado desse elemento que até agora constitui o nosso exercito premiado. A aristocracia e a classe média nos darão bons soldados; mas tenho minhas duvidas sobre se nos darão bons padoleiros, pela razão de que para manejear uma carabina precisa-se de um homem forte o que não será difícil encontrar nestas duas classes de gente; mas para manejear uma padiola precisa-se de homens fortíssimos o que será problematico encontrar-se nas classes citadas, mas que serão encontradas facilmente na plebe anonyma.

A instrucção de padoleiros deve ser essencialmente prática, acompanhada de frequentes demonstrações.

Por-se-á especial attenção em ensinar-lhes o transporte cuidoso dos feridos, fazer trabalhos improvisados com auxilio dos utensilios de que dispõe a tropa, especialmente no que toca á organização de todos os meios possiveis de transporte.

Todos os movimentos se farão á voz de commando e se executarão em forma estrictamente militar.

A base da instrucção está na consideração de que os padoleiros por principio são destinados, antes de tudo ao transporte cuidoso e rapido dos feridos até onde encontrem o medico. Elles deverão exercitar-se em transportar a padiola carregada durante largos trechos e por terreno pouco transitável.

Deve-se procurar fazer comprehendêr aos padoleiros que no desempenho de suas funções elles ganharão sempre a amizade e a gratidão de seus camaradas enfermos ou feridos como também a consideração de seus superiores quando cumpram fielmente a sua missão que é tão sacrificante para elles mas ao mesmo tempo tão benfica para os feridos e enfermos.

Se a instrucção militar visa fazer do cidadão civil o cidadão soldado. Se o soldado é o cidadão civil, vigoroso, disciplinado e conhecedor da tactica de guerra com desembarço de golpe de vista, iniciativa e decisão; a instrucção da padiola tem por fim transformar o soldado em padoleiro e o padoleiro passa a ser o proprio soldado vigoroso, disciplinado, abnegado, conhecedor da tactica sanitaria, com desembarço, iniciativa e decisão.

Tendo muito em vista que "na guerra só dá resultado o que é simples" também aqui ocorre "ensinar e applicar formações simples", mas a tropa de saúde deve ser exercitada para executá-las com precisão e segurança e assim tem-a antevedendo, desde logo, a utilidade destes exercícios.

Equalmente nos exercícios deve procurar-se incutir no espírito do padoleiro a constância e a tenacidade convencendo-o, ao mesmo passo, de que "só funciona na guerra o que tiver sido exercitado na paz".

E' da cooperação de todas as armas e serviços que depende o exito do combate. O exercito bem organizado, isto é, com todas as suas armas e serviços sufficientemente exercitados e preparados assemelha-se ao organismo animal, que tendo órgãos principaes e órgãos accessórios, todavia não prescinde da collaboração destes para a manutenção do perfeito equilibrio metabólico e consequente conservação hygida.

A methodização da instrucção deve ser objecto de especial cuidado de todo o medico que se propõe a dal-a.

Consegue-se isto com a maxima facilidade partindo do mais facil para o mais difficult e attendo sempre aos mais insignificantes pormenores.

E para que tenhamos exercícios proveitosos elles devem se executar em terrenos variados e pouco transitáveis e com a padiola carregada, aproveitando-se todas as circumstancias e estações.

Deve-se pôr todo o empenho para que se mantenha em toda sua inteireza a disciplina e a

ordem regulamentar na procura e transporte de feridos.

A disciplina como esteio do exercito deve existir em todas as occasões, mórmente na guerra em que as victorias ficam pendentes de sua solidez amparada no concurso de todas as energias.

Os padioleiros devem ser homens robustos de bom comportamento, conhecedores da tactica da infantaria e da instrucção nos primeiros socorros urgentes e de intelligencia esclarecida para que possam comprehendêr quão delicada e nobilitante é a missão que lhes incumbe e no desempenho da qual devem revelar, coragem, abnegação, energia, humanidade e nitida comprehensão da disciplina militar.

Advinha-se desde logo a conveniencia dos padioleiros conhecerem a tactica de infantaria da qual elles terão de servir-se no momento da accão, não só em seu proveito, mas em beneficio dos feridos que elles devem proteger a todo transe.

Os padioleiros devem levar nos bornaes ligérios alimentos (pão, bolachas, etc.) para, nos combates de longa duração ou naquelles em que o serviço de remoção de feridos seja paralysado pela intensidade do fogo, levantarem as forças destes aos quaes haja faltado alimentação por muitas horas,

E' noção de tactica sanitaria : fazer o levantamento dos feridos por grupos fraccionados ; abrigar-se do fogo do inimigo, ora aproveitando as irregularidades do terreno, as massas de vegetação, etc., ora evitando que fiquem muito à vista objectos que por sua cõr possam atrahir as pontarias inimigas ; aproveitar as acalmias da fuzilaria inimiga, não perder de vista as mudanças de direcção e os avanços das linhas de atiradores ; evitar sempre o fogo violento ; e á noite servir-se, com toda precaução, de lanternas de campanha, abstendo-se de fumar, riscar phosphoros, accender fachos, etc.

Quando uma equipagem depois de ter colocado o ferido na padiola for surprehendida pela direcção dos projectis inimigos, deve imediatamente proteger o ferido e abrigar-se da fuzilaria até que diminua a violencia do fogo, empregando o tempo de parada em prestar os socorros de urgencia que estiverem ao seu alcance.

Ao padioleiro incumbe ainda, ao approximar-se de um ferido, conduzir o seu armamento, descarregando o fuzil e arrecadando a munição que poderá ser distribuida entre os atiradores.

Alves Cerqueira.

ARMA DE ENGENHARIA

Terminados os dous primeiros annos de instrucção intensiva, no 1º B. E., não nos podemos furtar ao desejo de algo dizer sobre o nosso grão de efficiencia.

Muito embora houvessemos apresentado alguns trabalhos de engenharia militar, durante esse periodo, já por occasião dos exames, já por occasião das manobras, o que é verdade é que não estamos preparados para a guerra, por falta absoluta de material apropriado.

Assim, a companhia de sapadores mineiros não dispõe de um explosivo militar, com as condições de segurança que a guerra exige, pois a dynamite, de que tem lançado mão, não poderá ser empregada, porque além de não resistir á accão dos agentes atmosphericos, detona ao simples choque da bala de fuzil : os detonadores electricos de que dispõe se acham bastante gastos, sendo empregadas, para comunicar fogo ás minas, pilhas que, por sua pequena duração, não satisfarão ás necessidades de uma campanha.

Falhas, porém, muitissimo maiores se encontram na companhia de telegraphistas, para a efficiencia da qual só uma medida seria salutar : dar em consumo todo o material de que dispõe actualmente e adquirirem-se equipagens completas de telegraphia, telephonia e radio-telegraphia.

Só quem, por exigencias da instrucção e cumprimento do dever, se tem exposto ao dissabor de, após um trabalho insano de lançamento de uma linha não conseguir comunicar-se, porque o telephone, por velho e imprestável, não falla ou o telegrapho não funciona ou, ainda, o apparelho radio-telegraphico não transmitte, porque o motor, tambem por velho e remendado, não vira, é que poderá avaliar de como não estamos preparados.

Bem assim, a companhia de pontoneiros longe está de preencher sua missão.

Carece tambem de uma equipagem de pontes, pois a que possue, mui bôa para ribeiros e lagôas tranquillos, não poderá ser lançada em qualquer dos pequenos rios correntes de nosso Paiz; porque, sendo constituida de caixões estanques, a ponte formará uma barragem e será fatalmente seccionada, conforme já foi previsto pelo official encarregado das experiencias feitas nos rios Pirahy e Paraíba, por occasião da compra desse material.

Não param, porém, ahí as deficiencias.

O batalhão se acha por completo desprovido de viaturas em condições, mesmo para o transporte de seu reduzido material; rara é a vez em que, sahido em formatura ou exercicio, não fique pelo caminho um carro avariado.

Falta, porém, ainda maior se nota de muares para tracção e cavalos para montaria de officiaes.

Não obstante não haver o Estado Maior em um Livro de Quadros, publi-

cado em 1912 e conhecido por — Livro Vermelho — consignado animaes para montaria de todos os officiaes, só se pôde levar este acto á conta de lapso, pois se não bastasse o exemplo dos exercitos estrangeiros em que esses officiaes são montados e o estudo de sua missão em campanha, que assim o exige, bastaria a experencia colhida no Contestado onde muares serviram de animaes de sella, e nas manobras aqui realizadas, nas quaes, á ultima hora, por necessidade inadiavel, se têm arranjado cavallos por emprestimo.

E, para dar mais força ás nossas asserções, vamos adduzir alguns argumentos.

Como poderá um official sapador, rapidamente, percorrer uma vasta zona, reconhecendo-a, para escolher os pontos mais favoraveis para suas fortificações?

De que fórmá poderá um official telegraphista inspecccionar a construcção de uma linha de muitos kilometros, sabido, como o é, que a tropa neste caso se fracionará em varias turmas que agirão, ao mesino tempo, em pontos differentes?

Como, rapidamente, um official pontoneiro reconhecerá um rio, para ajuizar do melhor ponto para o lançamento da ponte de equipagem ou construcção de uma de circumstancia?

E, apresentando estes tres casos, que são apenas um minimo resumo dos que se poderão apresentar, parece-nos, que só a cavallo poderão os engenheiros preencher o seu papel.

Quanto aos serviços de intendencia, estamos por completo desprovidos; grande tem sido a falta da cosinha de campanha nas longas marchas e acampamentos.

Assim pois, fica um pallido resumo do que ha de verdade neste assumpto.

Ao tratarmos delle outro desejo não temos que o de sermos util á nossa arma, ao Exercito e, portanto, á nossa grande Patria.

Queremos uma engenharia em condições de prestar em campanha os relevantes serviços que lhe competem.

Assim como está não o poderá fazer.

Urge prepararmo-nos para a guerra embora sejamos todos sectarios da paz.

A Historia ahi está sujeitando a vida das nações a seus ditames invariaveis: a um periodo de paz seguir-se-á fatalmente outro de guerra, visto que, hoje como outrora, é esta um factor de progresso dos povos.

E' pois no intuito de podermos cumprir gloriosamente nossa missão, quando o momento fatal se apresentar, que estas linhas escrevemos.

Possam elles fructificar; sejam lidas por quem capaz de dar-nos os elementos de que precisamos para nos apresentar á nação em condições de lhe indemnizar no momento opportuno, dos sacrificios que faz para nos manter.

2º tenente de Engenharia Arthur J. Pamphiro

Do 4º Regimento de Artilharia EXERCICIOS DE TIRO REAL

Os quatro dias de tiro real previstos, de accordo com o R. M. E., no programma do primeiro periodo de manobras do regimento, nos proporcionaram ensejo para um estudo do R.T.A. Vamos aprove tal-o, contando com o interesse especial que sempre desperta nos profissionaes, não deslebrados de que o são, o estudo de casos concretos.

Não é demais frizarmos que o fim desta critica é exclusivamente uma digressão pelo nosso R. T. A. e seu Compl., este applicado pela primeira vez, pois foi publicado este anno. Quanto ao valor da minha critica, é applicar-lhe a philosophia militar allemã: "Todo exercicio é proveitoso; ainda quando não preste, serve para ensinar como a coisa não devia ter sido feita."

Critica

No cabeçalho da primeira pagina do boletim, onde se descrevem as condições do exercicio, está lançado:

Desenfiamento pequeno em ambas as posições. Realmente o desenfiamento era apenas do homem a pé; segundo o Compl., pag. 10, este e o do material chamam-se «pequenos»; o do cavalleiro até ao dos clarões, chama-se médio; d'ahi para cima (mais de 4^m) chama-se grande, e neste caso deve-se lançar no boletim, entre parenthesis, a sua grandeza. Por exemplo: *Desenfiamento grande* (11 m.).

No riscado foi suprimida a casa «Tempo Gasto».

Está baseado no § 2 do art. 115 do Compl.: «Nos exercícios de tiro de ensaio não se fazem annotações concernentes a tempo de duração».

Os atiradores eram representados de accordo com o annexo do Compl., por alvos planos nº 3, de madeira.

O estudo maior nas mesmas condicções, nº 2. A bateria foi figurada por 8 quadros com as dimensões prescriptas no mesmo annexo.

Não foi possivel obter o revestimento de chapa de ferro prescripto no 1º periodo da pag. 115 do complemento: eram apenas caixilhos de madeira cobertos de aniagem. Por essa razão não se figuraram os serventes.

Como já se vira em outro exercicio, este revestimento de ferro faz grande falta: a aniagem é atravessada sem que o projectil arrebente; o tiro parece longo quando de facto foi um impacto em cheio.

4º Regimento de Artilharia Montada — 3ª Bateria

Primeiro dia

BOLETIM do 1º tiro de ensaio em 1916 — Vento não se levou em conta. Desenfiamento pequeno, em ambas as posições. Posição na Invernada da Brigada, 1ª a 800 m. SO. do Lazareto; 2ª a 600 m. ao S. da 1ª. Estado atmospherico claro e seco. Condições de observação boas na 1ª posição, más na 2ª. Especie de posição, ambas apenas com o desenfiamento do homem a pé, luneta na 1ª à direita, na 2ª à esquerda, cerca de 50 m., ligação á voz, por um repetidor.

Número	Distância	OBJECTIVOS		Homens (cavallos)	Efeito		Número de tiros	Regulação	Eficácia	OBSERVAÇÕES
		DESCRIPÇÃO			Homens (cavallos)	Impactos mortais				
1	1600	Atiradores (2 x)		30	9	18	2	12		
2	1800	Bateria de 4 canhões e 4 carros, de escudo, descoberta		0	.	1	5	5	grp.	Um canhão destruído por um ricochete, ponto de queda a 2 m. aquem.
3	1600	Estado-maior.		4	0	0	.	4		
4	1700	Atiradores (2 x)		30	6	2	8	6		

Peca	COMMANDOS	Tiro	Alça	Observações	Peca	COMMANDOS	Tiro	Alça	Observações
I	CAPITÃO C				III	Só a 3ª p. ! F !	22	18.25	+
e	Sht ! Sec. dir. ! P. I. !				IV	D. 2ª p. — 5 ! Só a 4 p. !	23	>	—
II	D. g. ! S. 190 ! C. 12 !				>	F !	24	>	—
	D. da dir. : 1ª p. 8.69;					Só a 4ª p. ! F !			
	2ª p. 9.87; 3ª p. 10.43;					Cessar fogo !			
	4ª p. 10.99 ! F !	1	16	- / b		2ª pos. CAPITÃO C.			
		2		+	I	Sht ! S. 190 ! D. g. ! P.			
I	Toda a bat. ! C. 14 !	3	a		a	1. ! D. da esq. : 4ª p.			
a	1 G. !	4	15.50	- / b	IV	53.43; 3ª p. 52.50; 2ª			
IV		6			p. 51.94; 1ª p. 51.09!	25	14	(2)	
	C. 16 ! 1 G. !	7	a	(+)	Esc. da esq. de 8 !	28	18.50	+ / a	
		10	16	/ b	C. 12 ! 1 G. !				
	C. 17 ! 1 G. !	11	a		TENENTE S.				
		14	16.50	(+) / n	II	Sht ! D. g. ! P. I. ! Sec.			
	Cessar fogo !				e	esq. ! S. 190 ! C. 12 !			
	TENENTE G.				IV	D. da esq.: 4ª p. 53.84;			
IV	Grp. ! P. esq. ! P. I. !				3ª p. 53.08; 2ª p. 52.49;	29	14	—	
	D. g. ! S. 195 ! D. da				1ª p. 51.54. F !	30			
	esq. ! 4ª p. 11.92;				C. 14 ! F !	31			
	3ª p. 11.41; 2ª p.				32	15			
	10.76; 1ª p. 9.55 !				S. 192 ! C. 16 ! F ! . . .	33			
	F !	15	16	?	34	16	- / n		
					C. 16 ! F !	35			
	D. — 15 ! F !	16	16	(à esq.)	36	17	- / n		
	F !	17	18	-					
	F !	18	20	(à esq.)	I	D. + 5 ! C. 16 ! 1 G. ! .	37		
I	D. — 10 ! F !	19	19	(à esq.)	a	40	18	(2+) / n	
	D. — 5 ! Só a 1ª p. ! F. !	20	18.50	p. +	IV	C. 15 ! 1 G. ! (*) . . .	41	17.50	+ / n
II	Só a 2ª p. ! F !	21	18.25	+		42			

(*) A secção esquerda não atirou: munição exgotada.

No boletim do tiro propriamente tambem se suprimiu a casa « Observação no objectivo » porque não houve: o campo não está apparelhado para isso, embora seja um antiquissimo proprio nacional.

Não é difficultade insuperavel dotal-o de um ou mais observatorios rusticos (a zona de tiro é muito restricta) e ao mesmo tempo applicar então alvos de eclipse, uma vez que não se pôde por ora pensar em obter alvos moveis. A observação junto ao objectivo faz falta capital para o julgamento da observação feita na bateria: o registro da efficacia sómente, não basta.

O tiro. — *Iº thema:* Diz o § 2 do art. 115 do Compl. que no tiro de ensaio não se leva em conta o tempo gasto. Comtudo houve uso abusivo dessa facultade regulamentar, pois iniciada a preparação do tiro ás 10º, eram quasi 12º quando rompeu o fogo. Tal demora seria admissivel se tivesse sido causada pelas explicações aos artilheiros, de que tratam o § 2 do art. 89, e o § 1 do art. 91; infelizmente, porém, nada disso se fez.

Um pouquinho, mas muito pouco, contribuiu para a demora: a ligação por signaleiros de disco que, no caso era inadequada; pois achando-se o capitão a uns 50 m. da linha de fogo devia ter tirado partido da vantagem de exercer sua influencia directa pelo commando á voz, quando muito empregando um repetidor, como aliás fez mais tarde.

O commandante da bateria, por não estar attento não viu os tiros 1 e 2; em logar de proceder então regulamentarmente — repetir o tiro com os mesmos elementos — recorreu á observação dos espectadores.

De accôrdo com o art. 60 do R. T. A. passou logo ao tiro de efficacia, applicando o art. 77, isto é, começando pela alça-base. Não tenho nenhuma duvida que é a casos desta natureza que se refere o art. 79: aqui «particularmente á pequena distancia» e tendo «logrado fazer uma observação segura sobre a situação do objectivo no garfo» era o caso de *não* começar pela alça-base — aumentar apenas o corrector e atirar com a mesma alça. A trajectoria de 1600 m. era muito approximadamente a do objectivo (vêr o 1º periodo da modifcação n.º 2 do art. 28, trasida pelo Compl.), tanto que, tendo dado um tiro percutente longo, na mesma trajectoria um arreben-tamento *b* já foi curto; levantando pois o arre-bentamento, para a efficacia, ambos seriam curtos, como deviam ser.

Na observação do grupo 7 a 10 ou no seu registro, houve engano, por força, pois não se comprehende que, objectivo fixo, alça longa (R. T. A. 31, mais de 1: 4), um aumento de 50 m. na alça fosse favoravel 11 a 14.

Não houve ordem nos commandos.

2º thema: Aqui falhou o director de tiro, deixando que o official que recebeu o thema re-apontasse a bateria em logar de tomal-a prompta como estava e de fazer apenas as modificações dos elementos de tiro, adequadas ao novo objectivo. Pela mesma razão o official não aproveitou para a avaliação da distancia o conhecimento adquirido pelo tiro precedente o que teria abreviado a regulação — factor da maxima importancia em combate — e teria poupadu munição.

O tiro 15 não foi visto e por isso tomado duvidoso, dado por perdido. A causa foi a forma do terreno adiante o observatorio e a infeliz es-

colha da peça da regulação. Pela alça empregada e pela forma do terreno, inteiramente plano, á grande distancia atraz e aos lados do objectivo, devia-se ter concluido que o tiro fôra curto, apenas occultado pela elevação adiante do observatorio, que ahi deixava um grande espaço desenfiado á vista. Sobretudo, porém, não se explica aquelle julgamento, quando o official depois viu elevar-se a fumaça do projectil, observou que houvéra desvio á esquerda, e mandou uma correção nesse sentido.

Demais o desvio da direcção, não tendo sido medido e não tendo sido forte, era preferivel não corrigil-o agora, sinão depois de outra observação melhor.

Com o tiro 20 começou a efficacia, como se vê, porque mudou a peça e depois atiraram sucessivamente todas; foi pois empregado o *fogo por peça*, da direita, mas suprimiu-se o commando da e pecie de fogo, sempre necessario, bem como o de *toda a bateria!* sempre util. Poder-se-á dizer que este não faz falta, entretanto é incontestavel que elle tem todo o valor dos commandos de advertencia; o da especie de fogo, será o comando de execução.

O tiro de efficacia foi começado antes de obtido o garfo de 50 m.

O tiro n.º 24 derrubou uma peça; era o caso de suspender o fogo, mesmo que ainda houvesse munição disponivel, ex-vi d' § penultimo do art. 84 do Compl., pag. 64: *Sempre que estiver resolvido um thema, isto é, attingido o fim que se pretendia deve cessar o fogo. Identico preceito encerra o art. 98: Todos os commandantes de artilharia devem aprender a economizar munição... Logo que um commandante de bateria julgue haver desempenhado sua missão faz cessar o fogo...*

3º thema. (2ª posição). Uma vez que se recorreu novamente á pontaria á luneta de bateria, dando pois a cada peça a sua deriva, teria sido mais pratico, em logar de commandar em seguida um escalonamento, fê-lo feito logo o official nas derivas fornecidas ás peças. Seria duma vez a desejada pontaria em logar de duas, sobrepostas, para um objectivo. Este é aliás o espirito do § 6 do art. 68 do R. T. A. (pag. 43): «Se de antemão se sabe» (era o caso) que existe diferença de frente, «deve-se corrigil-a antes do rompimento do fogo».

Novamente, desordem nos commandos, isto é, nenhum vestigio de precedencia nos elementos.

4º thema. Como no 2º thema tambem este official reapontou a bateria, em logar de tomal-a como estava e commandar apenas, com grande vantagem de tempo, a necessaria mudança do feixe.

E' o que diz o art. 75 do R. T. A.: «No caso de mudança de objectivo... Em pontaria indirecta a regra é commandar uma deriva...» No caso vertente o observatorio era situado proximo da linha de fogo, de modo que as medições de derivas feitas lá, podiam ser commandadas taes quaes. Tambem como no 2º thema este official não aproveitou para a escolha da primeira alça a observação do tiro anterior, porque não lhe foi dada: retardo na regulação, desperdicio de munição.

No commando inicial, como nos themes 1º e 3º não foi observada a precedencia dos elementos, expressamente recomendada pelo Compl. em seu art. 48:

«Todo official deve estar senhor da lingua-

gem regulamentar dos commandos. A sequencia normal dos commandos tem a vantagem de evitar mal-entendidos e omissões, ...»

A ordem nos commandos deve ser um habito inveterado; quem não observa-a e, p. ex., fôr interrompido antes de commandar *tudo*, difficilmente depois saberá o que falta, ao passo que observando-a basta lembrar onde parou, para saber onde continuar.

Diz-se-á que não temos R. E. A., mas essa razão não procede. Realmente a montanha, muito está custando a dar á luz o ratinho, o R. E. A. 1916 que ha nove mezes lhe entregaram os officiaes incumbidos do respectivo projecto.

Mas, além dos exemplos que se encontram nas instruções para o concurso de apontadores, continua a vigorar nesse ponto, como em outros ainda não substituidos o Regulamento de tiro Castro e Silva, Souza Reis.

As correcções de alça foram timidas. Diz o R. T. A. 57: «As correcções da alça devem ser fortes, em geral não inferiores a 200 m.»

O garfo que se procura no tiro de tempo, contra objectivo fixo é de 100 m., portanto quem julgar que com uma correcção de 100 m. vae obter o garfo, deve ser logico pelo menos, e indo ao fundo desse julgamento, passar duma vez ao tiro com toda a bateria, tiro de efficacia.

Não se repete o commando de corrector, quando não se quer alterar-o; o unico elemento que em identica hypothese tem que ser commandado é a alça (*mesma alça!*) Uma vez que logrou fazer a regulação com arrebentamentos *n*, foi logico não aumentar o C ao entrar na efficacia. Não se explica que observados *n* os tiros 37 a 40, baixasse o corrector.

(Continua)

1º tenente Bertholdo Klinger.

MANOBRAS

Não é novidade afirmar-se que as manobras annuas são geralmente mal acolhidas pela nossa oficialidade.

Se, para alguns poucos elementos, pôde ser encontrada a razão de um tal desapreço no sacrificio de alguns dias mal passados, para a grande maioria serve de fundamento uma presumida perda de esforços e de tempo.

E' preciso reconhecer que, em relação a manobras, não attingimos ainda ao modesto resultado que, por enquanto, deveremos aspirar e que em vão procuraríamos imitar as operações de grande envergadura dos exercitos estrangeiros. Aliás, tentar fazer manobras sem ligar grande importancia aos estudos militares é cousa que só se consegue com muito desprestigio e não pouco ridiculo.

Este anno, com o sermos mais moderados, fomos mais felizes: as manobras produziram em geral uma melhor impressão. Mas foi justamente porque começamos do principio.

Graças a alguns dias que lhes foram consagrados, puderam as diferentes armas trabalhar isoladamente na resolução de varios temas, gradualmente complicados, realizando exercícios que a anormalidade da instrução durante o anno não permittio fossem executados na época correspondente.

Duas cousas caracterizaram esses exercícios

parciaes: a preocupação, por parte de muitos dos executantes, de aplicarem os regulamentos de instrução e, pelo lado de alguns chefes, de emprehenderem com mais firmeza e maior desembraço, a utilissima critica militar.

E foi precisamente devido á acção isolada dos corpos assim exercitados que, ao nosso ver, tiveram um certo realce as ultimas manobras.

Agiram realmente varias unidades de infantaria muito conscientemente na escolha de suas formações, com sectores de accção bem definidos e adaptação ao terreno, preocupadas em manter, na approximação, a sua direcção de marcha sem fluctuações, e os seus elementos bem coordenados no fogo e no avanço, ligados aos chefes e unidades visinhas. Desempenhou-se bem a engenharia nos seus multiplos serviços, sob a direcção de officiaes cheios de iniciativa e de ardor. Teve a cavallaria o ensejo de revelar-se regularmente treinada no serviço de informações, e a artilharia, de mostrar-se bem exercitada na ocupação de posições, de acordo com os objectivos que lhe foram, talvez por hypothese, assinalados.

Mas a acção coordenada das diferentes armas e a alta direcção do commando através do serviço de estado maior, estas, francamente, ainda não ocuparam um logar de destaque nas manobras deste anno.

Faltaram, sem duvida, ao programma dos exercícios preparatorios alguns themes, mesmo de accão simples, em que as armas apparecessem combinadas, principalmente a infantaria com a artilharia.

Não é de hoje que nos batemos pela realização de tales exercícios, certos de que elles oferecem no terreno muito maiores dificuldades do que apparentam á primeira vista.

Não ha muitos annos, o ministerio da guerra prussiano abrio um concurso entre officiaes, sobre o seguinte tema: «Cooperação da infantaria e da artilharia no combate. Como se assegura esta cooperação segundo os nossos regulamentos e qual a opinião que, a respeito, existe em outros exercitos».

Este concurso provocou diversos trabalhos muito interessantes pelos aspectos em que o problema foi encarado, cabendo o primeiro premio a capitão Brückner que, em torno de um combate de encontro, organisou um serviço de ligações desde o apparelhamento dos meios de transmissão até a confecção de ordens.

E' incontestavel que nós precisamos mais desses trabalhos do que os prussianos... (*)

Este anno, como dissemos, não tivemos exercícios combinados. A cavallaria nos themes parciaes não encontrou senão cavallaria, a infantaria, talvez por mera deferencia, consignou em seus themes as outras armas e a artilharia não agiu senão tecnicamente, entregue ao prazer que deveria ser quasi divino da realização de seus tiros de guerra.

Foi depois desses exercícios isolados, ainda á ultima hora sacrificados seguramente em um terço, que se reuniram as forças para resolverem logo um tema de dupla accão.

Haverá illusão sobre o resultado obtido?

Quanto ao serviço de estado maior, não tiveram os generaes commandantes uma organização convenientemente apparelhada para as operações

(*) Veja a propósito o trabalho de traducção do nosso companheiro tenente Klinger e que publicamos sob a epigráfie "Exercícios táticos".

de guerra, como aliás previram as instruções baixadas pela Divisão.

Não tendo as operações passado das primeiras phases e sendo realizadas em uma estreita faixa de terreno, perfeitamente conhecida, não se fez sentir muito a ausência de um serviço bem organizado. É tempo, porém, de cogitarmos seriamente deste assunto.

Os temas sobre a carta, as applicações do jogo da guerra, e os exercícios de quadros no terreno offerecem uma excellente graduação preparatoria para os exercícios com tropa e para as manobras finaes.

«Saber dar ordens», diz Griepenkerl logo na sua primeira carta, «não é um dom natural nem o resultado da leitura de tratados. Para saber das é preciso resolver themes tacticos.»

E, entre nós, ha ainda, preliminarmente, uma outra dificuldade a vencer: aogerisa que temos ao lapis e á caderneta de ordens e comunicados.

Tudo nos indica que devemos iniciar methodicamente, no proximo anno, esta parte importantissima da instrução, e que constitue os verdadeiros alicerces das grandes operações.

Decidam-se os commandantes de corpos a enviar, sob sua propria iniciativa, e na epocha apropriada, o maior numero possivel de pelotões, companhias e batalhões a resolverem themes tacticos com o inimigo figurado ou simulado; executem-se exercícios parciaes de acção combinada entre as diferentes armas, emprehendam os estados maiores, no campo, exercícios de confecção e transmissão de ordens, de accordo com situações que lhes sejam dadas por um official director, e as manobras do proximo anno, embora com os parcos recursos das actuaes, poder-se-ão tornar brilhantíssimas e proveitosas.

Comtudo, é preciso repartir com os arbitros um pouco da responsabilidade com que se sobre-carrega aqui a direcção dos partidos.

Sem a particiao activa daquelles e a sua intervenção opportuna, é quasi impossivel emprehender qualquer operação contra um adversario que se não intimida nem com os tiros á queima roupa!

Nas ultimas manobras, teriam tido os arbitros a oportunidade de pôr fóra de combate muitas fracções de ambos os partidos. Só assim teria sido possível a acção ulterior dos estados-maiores. Só assim ficar a á prova a iniciativa e capacidade do alto commando em face de cada nova situação creada.

Commenta-se, é verdade, que os arbitros foram ali em pequeno numero para as arduas missões a desempenhar. Não seja este o embaraço. Bastantes arbitros, pois, para as proximas manobras!

Damos em seguida o resultado de algumas impressões colhidas a respeito das auspiciosissimas manobras de 1916.

THEMA DA DIVISÃO. Situação geral. — Forças vermelhas desembarcaram em Sepetiba na madrugada de hoje. Patrulhas de cavallaria foram assinaladas na linha Bangú-Retiro-Gericinó. Forte destacamento foi descoberto em Santíssimo. O grosso das tropas (supposto) está ainda efectuando o desembarque.

Tropas azuis ocupam a linha Deodoro-Nicola-Escola de aviação. O grosso das tropas (supposto) está concentrado na Capital Federal.

Uma esquadra vermelha proteje o desembar-

que em Sepetiba. A esquadra azul está refugiada na Bahia de Guanabara. O trafego das linhas ferreas está interrompido.

Zona de manobras: Pelo lado Sul: Estradas Bangú e Santa Cruz. Pelo lado Norte: linhas das serras Marapicù-Gericinó, linhas de bonds Gericinó-Olaria e deste ponto a Deodoro.

Situação particular do destacamento azul.

A's 10 horas o commandante do destacamento recebeu o seguinte despacho: «Depois de vos achardes sobre a linha Deodoro-Nicola-Escola de aviação seguireis, ás 17 horas, na direcção leste-oeste ao encontro do adversario. A's 4 horas da manhã (8 de Nov.) um batalhão de infantaria partirá de Cascadura afim de reforçar o destacamento. General B. commandante em chefe das forças azuis.»

Situação particular do destacamento vermelho.

«O destacamento que está em bivaque em Santíssimo, recebeu ás 16 horas e 30 minutos ordem de apoderar-se da Villa Militar. Um batalhão de infantaria e uma secção de artilharia montada, que se acham no Campo Grande receberam ordem de partir ás 16,30 com o fim de reforçar o destacamento. A's 18 horas patrulhas de cavallaria attingiram a Fábrica do Bangú, Fazenda do Retiro, Cancellaria Preta, nas proximidades do rio Sardinha, Fazenda de Gericinó.

— Como se vê, o alto commando organizou este anno um unico tema — o de um combate de encontro. Sob este aspecto, elle correspondeu aos desejos de grande numero de officiaes que, de ha muito, se manifestam favoraveis ao desenvolvimento de um só tema, empregue embora este dois ou mais dias na sua execução.

Infelizmente, o desejo de conciliar as exigencias da situação tactica com o local do encontro adrede escolhido, não deixou de sacrificar um tanto a verosimilhança.

Muito melhor teria sido se o tema impõe-se logo uma situação defensiva para um dos partidos, precisamente na zona almejada para o desenrolar da acção. Afinal todo o mundo ficou imaginando que se tratava ali de uma defesa da Villa Militar quando não era esta a missão confiada ao partido azul.

Todavia, o que faltou verdadeiramente para melhor resolver a questão da verosimilhança foi uma situação intermediaria creada pelo director das manobras.

Este, depois de forçar a cavallaria azul a partir, não com duas horas de antecedencia, conforme a ordem de movimento o determinava, mas apenas com uma hora, deu ordem para que o destacamento fizesse alto desde que as suas patrulhas encontrassem as patrulhas inimigas. Era evidentemente muito pouco para permitir resoluções. O tema assinalava o inimigo em Santíssimo. Como saber, porém, no momento do encontro das patrulhas, onde elle se achava, se estas não poderiam ir além?

Poder-se-á objectar que, na guerra, as surpresas em consequencia da deficiencia de informações ainda são maiores. Mas não vamos por causa disso falsear, de propósito, as circunstancias, sob pena de se tornarem as manobras uma desenxabida comedia.

Parece-nos que, depois do encontro das patrulhas de cavallaria, se impunha uma situação intermediaria que evitasse uma solução de continuidade na acção, substituindo com logica o real

pelo artificial. A prova de que houve uma lacuna aprehender está no facto de, no dia seguinte, ao envez de prosseguirem as duas columnas a marcha ao encontro uma da outra, estabelecendo o contacto das vanguardas, o desdobramento e desenvolvimento ulteriores do grosso, amanheceram os adversários em frente um ao outro!

Na guerra isso pôrás sem dúvida acontecer; mas não por se haver conformado um dos belligerantes a ficar inactivo até uma hora taxativamente determinada.

DESTACAMENTO AZUL — Ordem ao destacamento n.º 1 — Collina Oeste do A. Club. — Em 7-11-916 às 10.20.

Repartição da força: Cavallaria, commandante tenente coronel Izidoro; 13º Regimento de Cavallaria.

Vanguarda — Commandante coronel Paulino Rosa; 55º de Caçadores, 1 pelotão do 13º R. C., 1 bateria do 20º Grupo, 1 companhia de sapadores mineiros (1º B. E.), 1 companhia de pontoneiros (1º B. E.), 1 pelotão de telegraphistas.

Grosso (e ordem de marcha) — Commandante coronel Abilio Noronha; 1 pelotão do 13º R. C., VII 3º R. I., 1ª companhia de metralhadoras, 3º Grupo de Obuzes, VII e IX/3º R. I., ambulância.

1º — Forças vermelhas desembarcaram em Sepetiba, na madrugada de hoje. Sob a protecção de sua esquadra está desembarcando o grosso. Forte destacamento foi descoberto no Santíssimo. Patrulhas de Cavallaria foram assignaladas na linha Fazenda do Bangu - Retiro - Gericinó. O tráfego das linhas ferreas está interrompido; o grosso de nossas forças está concentrado na Capital Federal.

2º — O destacamento vai ao encontro do inimigo.

3º — **Cavallaria**: Seguirá na direcção do Santíssimo, pelos caminhos que, partindo da collina onde se acha este Quartel-General, tomam a direcção geral L-O., até atingir a estrada S. Pedro de Alcantara. Enviará patrulhas de oficial nas direcções Gericinó - Retiro e pela Estrada Real. Partirá ás 15 horas.

4º — **Vanguarda**: Marchará pela estrada que margeia pelo Sul as collinas Longa - Aldeamento e Girante e, por L., o morro do Capão, proseguindo a marcha na direcção do inimigo depois de orientada pelas informações da Cavallaria.

A testa passará ás 17 horas pelo ponto inicial de marcha (encrusilhada das estradas Cinco Mangueiras - Collina Longa, Cinco Mangueiras - Morro do Aldeamento).

5º — **Grosso**: Seguirá 700 m. á retaguarda.

6º — Os trens regimentais permanecerão no actual acampamento.

7º — Marcharei no corpo da vanguarda.

A columna foi preparada mediante uma ordem de movimento, dada com folgada antecedência, e organizada na passagem de um ponto inicial escolhido de modo que nenhuma das unidades tivesse que retroceder. As ordens de movimento pouco a pouco entram em nossos hábitos, substituindo com vantagens o velho sistema do "ageitamento" o qual consiste em indicar com o dedo no terreno o logar que cada unidade deve ocupar, isso depois de uma série de vae-vens e contra-marchas.

As columnas formam-se agora em silêncio, facilmente, sem balbúrdia e sem uma legião de

ajudantes de ordens a galope, transmittindo ordens e... contra-ordens.

A altura da Villa Militar, quando, cerca de 6.30, a ponta da vanguarda alcançava a elevação a O. do Morro do Capão, foi dado o signal de alto, para aguardar a columna novas determinações da Divisão.

Com o escurecer chegou uma ordem:

"Estacionar a columna logo que o contacto entre as patrulhas de cavallaria se estabelecesse, afim de prosseguir a acção no dia seguinte, ás 7.40." — foi, em resumo, o seu conteúdo.

Para o serviço de segurança foi designada a propria vanguarda (menos a engenharia) no sector Estrada Real — Estrada de ferro. Um posto especial de companhia foi organizado ao N. da via férrea, sendo incumbidos os pelotões de cavallaria da vanguarda e do grosso da ligação entre os postos e da vigilância interior.

Os demais corpos acantonaram nos quarteis da Villa.

A cavallaria do destacamento, uma vez ultimado o serviço de segurança, recolheu-se ao quartel do 2º Regimento.

Cerca de 11 horas foi transmittida por telephone e mais tarde confirmada por escripto, a ordem do general commandante do destacamento determinando que, ás 5 horas da manhã, estivessem todas as unidades formadas em frente aos acantonamentos e que á mesma hora os commandantes respectivos viesssem receber ordens no quartel do 1º B. E. Quanto á cavallaria, deveria voltar ás 4.30 a restabelecer o contacto da vespresa, prosseguindo somente depois das 7.40 na exploração dos sectores assignalados.

As passagens a L. e a O. do Morro do Telegrapho deveriam ser mantidas por esta arma.

Não nos deteremos a esmiuçar todas as particularidades ocorridas com este partido, para não nos alongarmos demasiadamente.

Procurando cingir-se rigorosamente ás determinações do director das manobras, sentiu-se talvez tolhido o seu chefe no tomar de algumas providencias que, sem as peias de uma manobra para ser vista pelas altas autoridades, certamente não teriam sido despresadas.

Assim, o estacionamento foi resolvido sem um previo reconhecimento, feito ainda com o dia, de modo que a escolha dos pontos de apoio no terreno offerecesse, sob uma pequena frente, um campo de tiro conveniente na direcção do inimigo. Isso impunha ou que a columna não se detivesse senão na linha de collinas á altura do Realengo ou que estacionasse antes, na linha de Affonsos e das collinas ao sul dos quarteis da Villa.

Provavelmente, por se achar seguro de que o inimigo não viria efectuar um ataque á noite, pois que somente na manhã de 8 prosseguiria o exercicio, foi dispensado o valioso serviço da Engenharia nos postos avançados. É prova de que não foram sentidas, como num caso a serio, nem a necessidade de se organizar defensivamente a posição nem a de se ligarem por telephone estes postos com o Quartel General.

O destacamento pernoitou sob a illusão de que a infantaria inimiga não havia atingido ainda o Realengo. Não foi, pois, sem perturbação que os projectos do commando em chefe tiveram de ser substituídos, quando, ao clarear do dia, foi constatado que as alturas a Oeste estavam ocupadas pelo inimigo. Sem duvida aquella oc-

cupação, em um caso real, seria perfeitamente acertada. Ali parecia, talvez por erronea interpretação, que aquillo não era positivamente do trato... Forçoso era, porém, aceitar o facto consumado e, em vez de uma marcha prosseguida ao encontro do inimigo, teve o partido azul que tomar disposições de combate em posições dominadas!

Talvez que, no caso, um ligeiro recuo se imponesse então, atraindo o inimigo mais para o sul, para terreno mais favorável a um envolvimento.

Um recuo, porém, causa sempre má impressão e ali iria privar à numerosa assistência o interessante espectáculo que se desenrolha esta a assistir.

Foi, pois, aceito o combate, sendo determinado verbalmente:

a) conservar a vanguarda o seu sector de defesa;

b) reforçar com o VII 3º R. I. o sector até então guarnecido pela sua 1ª companhia;

c) atacar o VIII/3º R. I. as alturas ocupadas pelo inimigo, ataque este apoiado pelo 3º Grupo de Obuzes, no Morro do Girante e pela 1ª Companhia de Metralhadoras. A' companhia de ponteiros foi dada a incumbência de lançar para a passagem da força uma ponte sobre o rio Manguá que ahi não offerecia ráo;

d) Minar pelos sapadores mineiros o trecho ao S. do desfiladeiro da Arvore Secca;

e) ligar por telephone ao commando em chefe os sectores de defesa;

f) conservar-se em reserva o IX 3º R. I.;

g) cobrir a cavallaria o flanco (?)

Segundo disposições do proprio thema, um batalhão de caçadores deveria chegar como reforço ao destacamento. As manobras terminaram antes que este batalhão entrasse em acção.

DESTACAMENTO DO PARTIDO VERMELHO — "Ordem de movimento — Quartel General em Santíssimo, 7 de Novembro de 1916. — Expedição ás 16 3/4. Tropa :

1º — Cavallaria: commandante coronel Ribeiro da Costa; 3 esquadrões do 1º Reg. de Cavallaria.

2º — Vanguarda: commandante coronel Avila; 1º e 2º batalhões do 1º Reg. de Infantaria, 1 pelotão do ...º esquadrão do 1º Reg. de Cavallaria, 6ª bateria do 2º Grupo do 1º Reg. de Artilharia montada, 2ª secção da 5ª Companhia de Metralhadoras.

3º — Grosso (e ordem de marcha): 1 pelotão do ...º esquadrão do 1º Reg. de Cavallaria, 3º batalhão do 1º Reg. de Infantaria, 1º pelotão da 2ª companhia do 1º Batalhão de Engenharia, 4ª e 5ª baterias do 2º Grupo do 1º Reg. de Artilharia, 4º, 5º e 6º batalhões do 2º Reg. de Infantaria (Coronel Socrates). Secção de ambulância.

4º — A esquadra azul refugiou-se na baía do Guanabara. As linhas ferreas que ligam o Rio de Janeiro ao interior estão interrompidas.

2º — Por informações seguras sabe-se que as tropas azuis ocupam a linha Deodoro - Nicola Escola de Aviação. Consta que grosso dessas tropas está concentrado na Capital.

3º — O destacamento vai ocupar a Villa Militar.

4º — A cavallaria partirá a trote logo que receba esta ordem, explorando a zona compreendida pelas estradas Real de Santa Cruz, Taquaral e Boqueirão, apoiando a esquerda desde que se estabeleça o contacto da nossa infantaria

com o inimigo, continuando então a exploração pela zona das Fazendas de Gericinó, Engenho Novo e Sapopemba.

5º — A vanguarda partirá ás 17,15 horas pela estrada Real de Santa Cruz.

6º — O corpo principal (grosso) seguirá á distancia de 800 metros.

7º — Os trens regimentais escoltados por um oficial e 6 praças do 1º Reg. de Cavallaria seguirão á distancia de 1000 m. do corpo principal esperando novas ordens no Bangú.

8º — Marcharei á testa do grosso."

Como o partido azul, o destacamento vermelho organizou a columná por meio de uma ordem de movimento.

A vanguarda iniciou a marcha ás 17,15, de 7, da Fazenda Viegas em direcção á Villa Militar, pela Estrada Real de Santa Cruz.

Pouco depois das 18 horas a ponta da vanguarda estabelecia o contacto com patrulhas inimigas a O. do Realengo entre Moça Bonita e Escola Militar, onde foi recebida ordem de paralisação das operações, mantendo as disposições tomadas. O grosso bivacou em Bangú.

A's 3 horas de 8, este recebeu ordem de avançar em direcção á Villa Nova, ao N. do Realengo, zona já explorada e ocupada pelo 1º R. C.

A's 3,30 o II 1º R. A. (4ª e 5ª bat.) deixava o bivaque em Bangú e dirigia-se para Villa Nova, passando para o lado N. da via ferrea pela estrada de Água Branca, tendo ás 5,15 tomado posição na collina da Igreja, no Morro da Villa Nova, em terrenos a O. da rua Albina, o que imediatamente foi comunicado ao commandante da Br. com a declaração de que as duas baterias estavam desenfiadas de todos os observatórios inimigos e poderiam bater toda a zona Realengo — Morro dos Affonsos — Villa Militar — Fazenda Monte Alegre, tendo sido destacado um oficial do grupo para agente de ligação junto ao 2º R. I., que nessa occasião já se achava na altura da Estrada de Engenho Novo e Fazenda de Monte Alegre; estando metade da 5ª Metr. no morro da Olaria do Meirinho.

Estava assim efectuado um desdobramento da columná e o grosso havia ultrapassado em muito a vanguarda, antes de iniciada a acção pelo fogo das duas pontas inimigas. Era, pois, uma situação inverosímil. Na realidade esse movimento só poderia ser feito, com parte do grosso, num movimento envolvente, depois de empenhadas as duas vanguardas. Mas ainda assim a operação não podia consistir numa simples marcha, como foi feita, e exigia escalonamento da columná acompanhado de um ataque de flanco ao inimigo. Desta inverosimilhança naturalmente não são culpados os executores, pois ella tem suas raízes na idéa preconcebida de um encontro forçado em um determinado ponto para satisfação da platéa anciosa por assistir a um *film au naturel*.

Em quanto a artilharia do grosso passava pelo corpo da vanguarda, como que a illuminar-lhe o caminho, alguns pacotes de velas ardiam pela orla da estrada, desafiando os grossos bagos da chuva que cahia e a perspicacia dos observadores inimigos, o que tudo estava de acordo com a inverosimilhança da situação.

As duas baterias postadas em Villa Nova, sob a direcção do commandante do grupo, es-

tavam em condições de prestar revelantes serviços á infantaria, mas nenhuma indicação receberam nem mesmo quanto ao objectivo inicial, que fará quanto á protecção a acções sucessivas com as provaveis mudanças parciaes da direcção do ataque.

O serviço de ligação foi um mitho, e não podia ser de outro modo porque a ninguem é dado saber aquillo que nunca aprendeu nem praticou. O liame tactico da ligação, quer geral quer especial (pelo alto e por baixo, segundo os gallicismos em uso e abuso) é um dos elementos de grande peso num combate, e difficilim no terreno, com quanto muito facil em tactica discursada. E' necessaria uma grande praticagem de ligação em exercícios singelos de armas combinadas para que em exercícios de dupla acção se possa dispôr de um serviço apenas sofrível.

Assim, na ausencia desse serviço, o commandante do grupo resolveu, quando iniciada a acção, bater os objectivos que lhe parecessem mais viaveis. Foi assim que determinou a uma das bateria bater o observatorio inimigo postado no morro da Arvore Secca, voltando depois seus fogos para uma bateria azul que era vista pelos clarões por traz do Morro do Girante, e à outra, bater uma bateria de montanha installada na collina a O. do Capão e que era denunciada pelo jacto de fogo quasi em plena grandeza.

A parte da 5^a metr. que se achava no morro da Olaria do Meirinho, abrio fogo logo no inicio da acção, tendo cessado poucos momentos depois, provavelmente pelo desaparecimento de objectivo; mas, ou por falta de ligação, ou de ordens, ou por uma outra falta qualquer, ali continuou inactiva durante todo o resto das operações, não tendo ido procurar novo objectivo, em imediato contacto com a infantaria e onde a acção desta mais necessidade tivesse de supremacia de fogo.

A bateria que foi incorporada á vanguarda, que marchava pela Estrada Real, não recebeu uma missão definida nem a indicação da acção que devia apoiar. E assim, á espera de ordens, ou por ordem, marchou acompanhando mais ou menos de perto a infantaria.

Quando se definiu a situação e o commandante recebeu ordem de *atirar*, já a bateria tinha sido apanhada a descoberto e em columna de marcha sobre a estrada por uma bateria e por metralhadoras inimigas.

Dessa bateria, uma secção que então se des tacara para a frente, já collocada em uma elevaçā, onde momentos antes estivera uma bateria azul, abrio fogo sobre o inimigo não mais existente, pois o director das manobras já as havia dado por findas.

Nesse momento, as duas baterias, que se haviam transportado do morro da Villa Nova para o da Olaria, onde ainda estavam em paz as metralhadoras vermelhas, abriram fogo sobre a artilharia amiga que atirava fóra de tempo e que ainda mais fóra de tempo era novamento batida, mas agora pelos próprios companheiros de luta.

* *

E assim, nestas primeiras acções, terminaram as manobras sem vencidos nem vencedores, embora com muitos ensinamentos.

Nos preparativos do combate, muitas ordens e contra ordens vieram provar a falta de firmeza que ainda caracteriza o commando. Um batalhão houve que duas vezes ocupou e abandonou uma

posição. Para substitui-lo, um outro marchou e contra-marchou tanteante. Um houve, batalhão de reserva, que se installou em diversos lugares e tomou varias formações.

Mas onde o regulamento sahio bem ferido foi quando um batalhão, a pretexto de ter ficado sem reserva, fez retirar da linha de fogo dous pelotões...

Observaram-se linhas de atiradores que se mantiverem sempre tenues, no mais acceso da lucta!

Contrastando com a impeccabilidade de alguns corpos, viram-se ainda este anno movimentos por dois feitos a uns 500 ms. parallelamente á frente inimiga e unidades que avançavam e retrocediam deixando sempre obscuras as suas intenções.

E' preciso, a propósito, citar o instantaneo grotesco que proporcionou uma longa columna de esquadras cujos homens, de hombro armas, venciam vallas e poças d'água, através do campo e sob o fogo inimigo.

Mas, não obstante esses senões e varias heresias, as manobras deste anno deram-nos a impressão de que também elas participaram dos progressos que, perante a nação, vão collocando o Exercito em situação mais lisongeira.

Convém porém dal-as como sem exito, vivendo sinceramente e sem desanimo, emprehender no proximo anno, operações que estejam á altura da capacidade de nossos chefes e do seu devotamento á Pátria.

Seria realmente fazer decidida injustiça ao nosso Exercito, acreditar o capaz de conformar-se com os louros conquistados nos campos da Villa Militar, nas manobras de 1916.

Destas, já os erros aproveitam.

* *

Como nos pareçam muito interessantes e oportunas as observações colhidas por um distinto camarada que tomou parte activa nas manobras — testemunho valioso na infantaria, damos em resumo as notas que se seguem:

"De um modo geral, as manobras agradaram. Não é que tivesse havido revelações. Muito menos que os principios tacticos tenham merecido amplo respeito. O que se fez notável foi o grande desejo de fazel-as como elas devem ser.

As ordens transudaram embaraço e falta de prática. Entretanto, quizeram sempre ser *methodicas, concisas, claras e terminantes*. Os quadros, em geral, deixaram boa impressão. Percebeu-se que, sorrateiramente, ou contra a vontade de muitos, todos estavam invadidos pela doutrina dos regulamentos. Nunca esses inseparáveis camaradas foram tão manuseados e citados.

Nessas manobras houve um facto característico. Vamos cital-o como se plantassemos um marco. Queremo-nos referir á attitudde de alguns dos nossos chefes.

Desses ouvimos conceitos promissores e sãos. Delles sentimos pensamentos que, se tomarem forma, terão singular importância. O que lhes ouvimos e sentimos consistiu sempre em profundos lamentos de melhor não se ter applicado o tempo. O captiveiro do *bureau* é um chaga, disse-nos um. Esse mesmo assegurou que uma nova orientação tomaria e imprimiria ao proximo anno de instrucção. Em alguns outros, surprehendemos-lhe a tristeza ante uma exercicio que, indo bem, acabara por se anarchisar.

Eram-lhes communs exclamações como estas: Que pessima ligação! Onde os telephones que possuímos? porque se não os estabelece? outras vezes impacientavam-se pela falta de ordens e de comunicações. E sobre todos esses conceitos a preocupação de para o anno se trabalhar mais e melhor.

Na mesma corrente de idéas citemos a alegria de um chefe de batalhão. A situação estava intensificada pelo contacto das vanguardas. A um aceno apenas acompanhado de um balbuciar de palavras, suas companhias desdobraram com silêncio, rapidez e ordem. Ainda a mesma formula quando o círculo de officiaes se formou: como isso devíamos fazer tudo; para o anno não descidaremos a instrução dos quadros.

— De facto essa opinião assignala um golpe de vista real. O que houve de mão nessas manobras teve origem na imperfeita educação dos quadros. A grande maioria dos officiaes não tem ainda prática dos temas com a tropa. Nota-se que os chefes estão embotados pela burocracia regimental e os demais officiaes apenas articulados como instructores. Saber conduzir a tropa poucos o sabem.

Durante os exercícios realizados nunca vimos uma tomada de posição inicial.

Jamais os commandantes se adiantaram para colher impressões pessoaes e conhecer o terreno onde lançavam sua tropa. O commandante não se detinha num lugar conhecido de todos e se o fazia mudava de posição sem avisar a ninguém.

Um batalhão se estabelece em segurança no sector que lhe é determinado. A ordem chega cheia de lacunas. Entretanto ninguém procura conhecer os detalhes que faltam.

A' voz de em frente! lá se arrastam as companhias guiadas pela indecisão. Chega-se ao sector. Ninguem lhe conhece os limites ao certo. Confundem-se colinas, coqueiros e bosques. Por fim, se o amarra falsamente. E o sector não foi percorrido de modo a provocar as inspirações da arte. E todos foram presos do schema e do erro. De antemão, collocam-se de traz para deante reservas, postos principaes, pequenos postos, etc. Isso sem falar na subdivisão do sector em sectores de companhia.

Em quanto se acerta e desacerta lá vai a tropa por quatro marchando e contramarchando. Desses factos houve muitos.

Que ao chefe ocorram duvidas é indiscutivel e até indispensavel.

E' natural e necessário que o chefe e seus auxiliares rejeitem o que já aceitaram e vice-versa. E' prejudicial e horrível, entretanto, fazer a tropa acompanhar e assistir essas ondulações da vontade de quem manda. Como princípio a tropa só avança depois do chefe ter decidido.

— Ainda não ha inteira convicção da necessidade de certos serviços. Faz-se muita coisa por estar esculpido nos textos regulamentares.

O serviço de patrulhas está neste caso. Na carta e mesmo nos exercícios durante o anno ninguem o esquece. Os desdobramentos, as reuniões, as marchas para a posição inicial ou no campo de combate, são sempre cobertos. Linhas tenues ou patrulhas, a idéa do serviço existe e não pereclita. Foi o que se viu? Longe disso. Às vezes lembraram-se de que se lançam patrulhas e — não era possível deixar de lançá-las. Nos momentos oportunos se as não lançava. E' ainda a inconsciencia da necessidade delas.

Aliás, para este caso como para muitos outros a grande causa está na celebre e inveterada mania do *ganhar e perder*. A obcessão é geral. Os combates de dupla acção desde o começo parecem um fim de lucta. Ninguem sonda os movimentos inimigos, não se cobrem flancos expostos, não se reconhece o terreno, em tudo e em todos a allucinação da maldita formula que nitidamente espelha o atraso do nosso espirito militar em formação. Ganhar e perder é a vertigem irresistivel.

E' lamentavel que nas manobras se malbarate tanto esforço e tanta dedicação. Si é verdade que muitos ainda preferem a ordem unida, que as armas não fazem exercícios de conjunto, que os chefes, a não ser em ultima instancia, não se ligam ás suas tropas, ha muita coisa construida. E enegrece as nossas esperanças tanto contra senso, tanto desequilibrio, tanta incapacidade.

— Muito melhor podia ter sido a acção final. Isso se, rompidas as hostilidades, não mais se cohibisse as decisões dos partidos. Se não se houvesse marcado uma arena impropria e infeliz para o desenrollar da scena.

Quanta illusão nas cabeças dos assistentes. Illusão ou mau gosto, por isso que, como *goza!* o jogo tactico de dois destacamentos das tres armas vendo-lhes linhas de atiradores e ouvindolhes o reboar dos canhões e o gargalhar das metralhadoras. Muito melhor fariam se acompanhasscm os estados maiores dos partidos. Esse, de resto, seria o unico meio de traduzir e dar cõr á indeterminação das linhas e das reservas, das posições da artilharia e da enervatura das ligações.

O combate hoje, dizem as orgias do sangue, é o vacuo de homens.

Se a nossa tropa já fosse como a queremos fazer os assistentes corriam os risco do "ir a Roma e não ver o Papa..."

— Consolemo-nos. Desta vez não se viu a ordem hysterica de atirar! atirar! que o presidente chegou. A artilharia não foi obrigada aos agourentos disparos de cinco em cinco minutos. Os *pic-nics*, as illuminarias e os banquetes desapareceram. Houve o desejo de todos para as manobras apresentarem alguma cosa ds melhor.

Que os nossos quadros se convençam da urgente necessidade do aperfeiçoamento das suas conquistas profissionaes."

Tiro de artilharia

No dia 29 de outubro p. p. as trez baterias do II/1º R. A., realizaram no Campo de São José, em Santa Cruz, exercícios de tiro de guerra.

No dia immediato coube a vez ás duas baterias do 3º Obuzes.

Não seria possivel, nos limites de uma noticia como esta, fazer-se a critica de todos os tiros realizados, confrontando a execução com as prescripções do R. T. A. e de seu complemento, motivo pelo qual nos limitamos a um simples apanhado de impressões colhidas na occasião.

Das trez baterias do II/1º R. A., cada uma recebeu dois themes de tiro (Obj. uma bateria de escudos em posição e uma linha de atiradores).

Para duas baterias, a bateria inimiga foi representada por 4 alvos (bat. sem carro mun.) e para a outra, ocupando igual frente, havia 10 alvos na linha (bat. com carros mun. ??).

As baterias de Obuzes, entre as duas, receberam seis themes ao todo (obj. bat. de escudos com carros mun. — inf. em col. — metr. em posição — muro — linha de atiradores ajoelhados — cobertura horizontal).

No campo tinha sido representado um estando-maior, que não foi contemplado no tiro.

Mau grado a lisongeira expectativa, as disposições regulamentares de tiro não tiveram em geral o desejado cumprimento nos dois grupos. Pela escassa realização que o tiro de guerra de artilharia tem entre nós, parece que o momento de um exercicio dessa natureza proporciona aos officiaes o nervoso das occasões insolitas, e que d'ahi decorre a inobservância dos salutares preceitos tão logicos e tão taxativos dos regulamentos.

O fetichismo pelo efecto no alvo de papelão ainda é um facto.

Das tres baterias do primeiro dia nenhuma, em nenhum dos tiros, formou precisamente o garfo, por falta exclusiva de cumprimento do regulamento, pois a regulação foi demasiado retardada pela timidez nas alterações de alça. Um tiro parece pouco longo, o official que comanda, desejoso de produzir efecto no alvo o mais depressa possível, deixa de cumprir o R., não fazendo uma forte diminuição na alça, com receio de esperdiçar o tiro por demasiado curto, e a diminue apenas de cincuenta metros; obtém assim outro tiro longo; procede da mesma forma (com mais forte razão) e assim por deante, só chegando a formar um garfo, quando o consegue, no fim de uma despesa, de tempo e de munição, dupla ou tripla da necessaria. E desta vez tivemos casos perfeitamente semelhantes.

Em uma das baterias a atrapalhação foi tal que foram até commandadas para as quatro peças alças diferentes entre si de 10 metros, quando a menor graduação do prato das distâncias é de 50.

No segundo dia, com o 3º Obuzes, o R. não foi bem mais feliz, pois sómente dois dos tiros realizados, um com pontaria indirecta e outro com directa, foram obedientes ás prescrições regulamentares, havendo ainda um senão no primeiro caso quanto ao gasto desnecessário de munição na efficacia, o que ainda é uma consequencia do fetichismo pelo efecto no alvo. (Compl. do R. T. A. art. 76 — *E' preciso parcimonia no consumo de munição. Por isso em geral será necessário contentar-se com a execução da primeira parte do tiro, a mais difícil e a mais instructiva — o tiro de regulação — consagrando poucos projectis ao tiro de efficacia.*)

O art. 77 do Compl. do R. T. A. diz:

O calculo da munição para cada bateria será feito sobre a seguinte base para cada theme:

percussão — 10 tiros
sht — 14 "
grt — 18 "

Ora, no II 1º R. A. o gasto de munição para cada theme (27 gr. perc. e 27 sht) foi triplo e duplo do que está acima determinado.

No 3º Obuzes o gasto foi ainda maior, com excepção dos tiros commandados por subalternos, os quaes foram suspensos logo que passaram á efficacia, sendo os outros tiros, principalmente na ultima bateria que atirou, levados a uma efficacia prolongada e inutil, a não ser para o fim de *efecto no alvo*.

O regulamento determina que na campanha

de tiro sejam dados seis themes a cada capitão, mas esta disposição estava prejudicada, pois não tivemos absolutamente a *campanha de tiro* a que o regulamento se refere. Em parte concorreu a dotação de munição, que era deficiente para esse fim, mas é preciso confessar que a outra parte não pôde ser atribuida á mesma causa, pois com a munição consumida podíamos nos ter approximado muito mais do ponto a que devemos chegar, ou melhor, em que já devíamos estar.

Quem percorrer as paginas do Compl. do R. T. A. verá quão longe andámos, neste caso, de chegar a esse ponto.

Longe de fazermos recriminações pessoais, aqui registamos estas impressões sem colorido, com o unico intuito de formular um voto para que todos nós, officiaes de todos os postos, nos consagremos cada vez mais ao estudo meticuloso dos nossos optimos regulamentos, procurando, nas applicações embora imperfeitas que formos fazendo, tirar o maior partido possivel dos nossos proprios erros.

Serviço de Saude

O serviço de Saude teve tambem o seu quinhão nas ultimas manobras e — é preciso pôr aqui em rel. vo, o seu conscientioso desempenho foi altamente lisongeiro para o nosso corpo medico em cujo seio se conta no presente um valoroso nucleo de profissionaes que procuram desempenhar com proficiencia as suas complexas funções de *médicos militares*.

A 4 de Novembro a 5º Br. Inf. aproveitando um thema de combate de dupla acção fez funcionar o Serviço de Saude.

Engajada a acção, armou-se um Posto de Socorro e aos toques de padoleiros dados na linha de fogo, estes iam attendendo aos diferentes pontos em que estavam sendo chamados, conduzindo os feridos áquelle Posto, onde iam recebendo curativos.

A ambulancia de brigada que tambem estava em condições de receber os feridos porque, para isso, já se tinha installado, começou a recebel-os depois do combate.

E' para estranhar entretanto que só se houvesse estabelecido um unico Posto de Socorro quando estes deveriam sei tantos quantos os corpos que combatem. Dir-se-á que para um exercicio basta um Posto apenas. Assim seria se não tivessemos o dever de em manobras nos approximarmos o mais possivel da realidade.

Tambem não nos parece tactico o toque de cornetas para chamar padoleiros, além de tudo porque o que está estabelecido é que os signaes da linha de fogo devem ser feitos pelos signaleiros, estando para isso instruidos os serventuarios no Código de Signaes.

Notamos ainda que os padoleiros ao ouvirem o toque, sahiram com as padolas ainda fechadas, quando, o natural fôra que, ao se estabelecerem os Postos de Socorro, todas as padolas se armassem. Além disso, caminhavam como que passando e completamente à vontade.

O andar normal do padoleiro deve ser em accelerado, para attender com presteza á remoção dos feridos, i-so sem excluir já se vê, a marcha rastejante que muitas vezes são elles forçados a emprehender.

Outro senão a assignalar é o de só se haver feito a evacuação para a ambulancia depois do combate, o que indica que o Posto ficou entulhado de feridos. Quer isso dizer: se a primeira linha avançasse o Posto de Soccorro não poderia avançar — e o resultado é que elle ficaria a uma distância que tornaria penosa aos padoleiros a comunicação com o Posto de Soccorro; se a linha de fogo recuasse, viria cahir sobre este que não poderia recuar em consequencia do numero de feridos lá existentes.

A ambulancia, por outro lado, ficou muito fóra de mão, de sorte que as distâncias a percorrer eram enormes.

São estes porem senões faceis de corrigir e que em futuros exercícios devem ser evitados.

A 5 de Novembro tivemos occasião de assistir ao exercicio de saude que realizou a 6^a brigada de infantaria.

Foi o seguinte o tema: Situação particular—Forças inimigas das tres armas ocupam a linha de alturas ao S. dos quartéis de Engenharia e Artilharia; sua artilharia está no morro dos Affonsos e a S.O. do morro do Girante.

As forças amigas ocupam as alturas ao S. dos quartéis da Infantaria.

Pede-se: installação dos Postos de Soccorro e da Secção de Saude com os serviços respectivos.

Nota — Cada batalhão será representado por duas esquadras e um official na linha de atiradores, ocupando as seguintes alturas:

55º Batalhão de Caçadores e 1^a companhia de metralhadoras — morro Cinco Mangueiras;

56º Batalhão de Caç.—morro da Caixa d'Água;

3º Regimento de Infantaria — morro do Capiistrano e Collina Longa.

A 1^a companhia de metralhadoras concorre com dois homens por secção e um official.

As situações serão creadas pelo director do exercicio. — (Assignado) *General Escobar*.

A ordem era para que o exercicio se realisasse ás 7 horas da manhã, e as viaturas deveriam ás 6,40 apresentar-se ao chefe do Serviço de Saude da Brigada.

Nesta ultima parte houve uma pequena precipitação. As viaturas que deviam se apresentar ás 6,40, ao chegarem ao Quartel General não mais encontraram o chefe, que já havia partido para aprestar a ambulancia.

Parece-nos que o natural seria que só se partisse para o campo de accão depois de combinados todos os pormenores do serviço. Este facto porém, foi obviado pelas comunicações que fizerao pouco antes de romper o fogo.

As forças que deviam empenhar-se em combate partiram de seus acampamentos ás 6,45 mais ou menos. Cada qual foi-se postando nas posições em conformidade com a ordem.

As diversas formações sanitarias marcharam para tomar as collocações impostas pelo momento.

Os diferentes chefes de serviço logo que divisaram as respectivas linhas de atiradores nos altos das collinas guardaram as distâncias necessarias e procuraram os melhores locaes para o establecimento dos Postos de Soccorro.

Uma vez encontrados estes logares aguardaram que tivesse inicio o combate.

As forças extenderam em linhas de atiradores e pouco depois os signaleiros começaram a pedir padoleiros na linha de fogo.

Armados já os postos de Soccorro e promptas as padiolas que foram avançando para as

proximidades da linha de fogo, ao primeiro sinal de padoleiros da primeira linha, iam elles avançando por lances successivos e rastejando até encontrar os feridos, feito o que o padoleiro n. 1 protegia com o curativo individual o ferimento e a equipagem, á voz de padoleiro n. 1, installava o ferido na padiola e o conduzia, ao Posto de Soccorro. Ahi recebido pelos medicos e enfermeiros, era installado na padiola-meza e recebia o primeiro curativo depois do que era imediatamente evacuado para a ambulancia.

Assim se foi fazendo o serviço no Posto de Soccorro estabelecido pelos medicos das unidades em combate.

As communicações com a ambulancia se fizeram regularmente de modo que chegados os ultimos feridos ao Posto de Soccorro eram estes os ultimos a serem evacuados para a ambulancia, o que facilitou muito o deslocamento dos Postos de Soccorro que, uma vez terminado o combate, desarmaram-se e recolheram-se com as forças ao acampamento.

A execução perfeita desse serviço depende de condições que só poderão ser proporcionadas pelas nossas autoridades militares.

Antes de tudo torna-se urgente uma boa regulamentação para o Serviço de Saude em Campanha. Que esta regulamentação, porém, seja feita pelo medico da tropa, conchedor do officio e experimentado em serviços desta natureza.

Em segundo logar, torna-se necessário que se organizem as formações sanitarias regimentaes. Isto é idéa que está vitoriosa entre os medicos arregimentados que conhecem as necessidades do serviço.

E preciso, porém, que estas formações independentam das companhias combatentes, cujo efectivo não deve ser desfalcado, e tambem independentam da musica que nunca poderá dar bons padoleiros em consequencia das constantes e inevitaveis solicitações de seus serviços profissionaes; além de ficarem os musicos sobrecarregados de instruções (instrução da arma, instrução de sopro, instrução de padoleiros) do que resultará se tornarem inhabéis para uma delas porque ninguem pôde ser perito em tudo, será naturalmente prejudicada a instrução de padoleiro, a unica que tem, pela letra do regulamento, *dias designados*, quando é certo que pela sua complexidade ella deveria ser diariamente ministrada como acontece com as outras.

Instruir-se, pois a musica é não ter padoleiros convenientemente habilitados, por que as solicitações constantes e inevitaveis, como dissemos acima e não será demais repetir, de seus serviços profissionaes, a isto se oppõem: uma manifestação aqui, uma recepção ali, um embarque acolá, uma posse cá, uma retreta mais além, um contracto em outro logar, prejudicam frequentemente a instrução.

O TROTYL

(CONTINUAÇÃO)

Sua fabricação

Na industria não pôde ser obtido directamente, pela accão dos ácidos sobre o tolueno. O ponto de partida é o dinitrotolueno.

Prepara-se previamente o dinitrotolueno fa-

zendo-se reagir a mistura sulfo-nitrica sobre o tolueno, com todas as precauções relativas à temperatura, ao resfriamento final e à separação do líquido restante.

Sobre o trinitrotolueno obtido, fazem-se reagir paulatinamente misturas ácidas de concentração crescente, com precauções analogas às precedentes.

Assim conseguido o trinitrotolueno em bruto, cujo ponto de fusão não deve ser inferior a 80° C. afina-se-o, mediante consecutivas lavagens e neutralização, sendo depois obtida a estabilidade e crystallizado por dissolução no alcohol; dando-se finalmente por terminada a operação quando o producto satisfizer as provas de fusão e acidez.

O explosivo conseguido por este processo alcança um ponto de fusão de 80,6° C.

Potencia do explosivo

Os quadros A e B resumem experiências realizadas em 1907, quer na Alemanha, quer em Sevran Lyvry com o trotyl fornecido pela sociedade «Carbonit», de Hamburgo.

Quadro A — Experiências efectuadas na Alemanha

EXPLOSIVO	Velocidade de detonação	Temperatura de explosão	Pressão desenvolvida por 100 grs. do explosivo num recipiente de 15 litros	Volume dos gases desprendidos por 1 kg. de explosivo no momento da explosão	Ensaios Krauzl Expansão da câmara
Algodão polvora seco.....	m. por seg.	grãos centig.	kg. por cm ²	litros	cm ³
Algodão polvora humido.....	6383	—	53,48	887	1810
Acido picrico..	5228	—	45,91	902	1400
Trotyl.....	8183	2498	51,84	768	1520
	7618	2142	48,10	850	1480

Observação: — Para o ensaio de Krauzl o bloco de chumbo tinha 40 c. de diâmetro; a câmara, 32 mm. de diâmetro e 224 mm. de profundidade.

Quadro B — Experiências realizadas em Sevran Lyvry

EXPLOSIVO	Velocidade de detonação		Expansão	
	Densidade de carregamento	Velocidade achada	Trabalho no chumbo	Trabalho na terra
Acido picrico....		m. por seg.	cm ³ por gr.	litro por grs.
	{ 1,32	6330		
	{ 1,62	7370	22,8	0,40
Trinitrotolueno...	{ 1,72	7490		
	{ 1,32	6217		
	{ 1,60	7140	21,6	0,44

A dedução a tirar desses resultados é que o trinitrotoluol é pouco menos poderoso que o acido picrico; «sua força, diz M. Gody em seu tratado teórico e prático das matérias explosivas «pode ser considerada como sendo 34/37 da do acido picrico». Esta pequena inferioridade é desrespeitável deante das enormes vantagens que vimos patenteando.

Paralelo entre o trotyl, o acido picrico e o algodão polvora

O trotyl não é *hygroscopico*; o que não se dá com o acido picrico e o algodão polvora.

Quanto à conservação o trotyl leva as lampas ao acido picrico e ao algodão polvora. Porque o trotyl é uma substância definida, insolúvel n'água e inalterável ao ar, suportando, sem prejuízo, as maiores variações da temperatura atmosférica, entre -20° e +50° C.; o que não acontece com o acido picrico nem com o algodão polvora.

O trotyl, gozando da propriedade neutra, tem grande vantagem sobre o acido picrico, por quanto não forma como este, devido à sua função ácida, compostos metálicos—os perigosíssimos picroatos.

Conservado o trotyl muitos anos debaixo d'água, não perde a força explosiva; o mesmo não se verifica com o algodão polvora que a absorve e, quanto maior a porcentagem d'água, menor será a força explosiva, chegando até a perder a inflammabilidade.

Quanto à capacidade de resistência ao choque o trotyl ainda ocupa lugar de destaque:

Por meio do martello de prova de 2 kg. de peso e procedendo-se, tecnicamente, à comparação no tocante à resistência ao choque entre diferentes explosivos de ruptura, encontra-se que explodem,

o algodão polvora seco a	5 cm. de altura
o » » humido com	
20 % a	40 » » »
o acido picrico a	20 » » »
o trotyl a	80 » » »

Observando os números acima vemos que, a insensibilidade do trotyl é 4 vezes maior que a do acido picrico, 2 vezes maior que a do algodão polvora humido a 20 %. Resalta a grande sensibilidade do algodão polvora seco e a grande insensibilidade do trotyl.

Quanto à força explosiva.

Em experiências realizadas com vários explosivos, tendo por objectivo a verificação da força explosiva obteve-se, no bloco de chumbo esférico de Krauzl, com 40 cm. de diâmetro e carga de 50 gram., escavações para:

o algodão polvora seco, de.....	1810
o » » humido a 20 % de	1400
o acido picrico, de.....	1520
o trotyl (comprimido) de.....	1485

Ainda, da comparação judiciosa destes dados, resulta a superioridade do trotyl, pois que, o algodão polvora seco é sensível em alto grau e o acido picrico fica afastado pelos seus innumeraíveis inconvenientes e porque a pequena vantagem oferecida desaparece no terreno da prática.

Quanto à densidade:

a do algodão polvora seco é.....	1,22
a » » humido a 20 %	1,35
a do acido picrico	1,62
a do trotyl	1,65

Quanto ao numero de estilhaços :

Sabemos que o numero de estilhaços da granada é directamente proporcional à força explosiva e á velocidade de detonação do explosivo empregado. Portanto, sendo maior a força explosiva do acido picrício do que a do trotyl, teremos maior numero de estilhaços com o primeiro.

A experiência das guerras, porém, pôz em evidência que só devem ser considerados *estilhaços úteis*, os que apresentam peso maior de dez grammas. Corroborando a nossa asserção transcreveremos dois boletins balísticos apresentados pelo inteligente e ilustrado professor Guilherme Hoffman Filho, da nossa marinha de guerra, em interessante e proveitoso trabalho que publicou.

Devemos chamar a atenção do leitor para esta experiência feita, com a mesma carga de ruptura e o mesmo peso do projétil.

Trotyl

Projétil	granada de aço de 10 cm.
Explosivo.....	trotyl fundido
Peso da carga.....	1720 grammas
Estilhaços:	{ acima de 10 gr.: 339, Peso 9,600 gr.
	{ entre 5 e 10 gr.: 285, Peso 2,340 gr.
	{ abaixo de 5 gr.: Peso 1,020 gr.
Peso do projétil	13,500 gr.
Peso dos estilhaços	12,960 gr.
Estilhaços abaixo de 1 gramma:	540 gr.

Acido picrício

Projétil.....	granada de aço de 10 cm.
Explosivo.....	acido picrício fundido
Peso da carga.....	1,720 grs.
Estilhaços:	{ acima de 10 gr.: 312, Peso 7,300 gr.
	{ entre 5 e 10 gr.: 368, Peso 3,170 gr.
	{ abaixo de 5 gr.: Peso 2,660 gr.
Peso do projétil	13,500 gr.
Peso dos estilhaços	12,530 gr.
Estilhaços abaixo de 1 grau.....	970 gr.

Escorvas

Um detonador de 2 grammas de fulminato de mercurio basta para produzir a explosão completa do trinitrotolueno *crystallizado*, — ou fundido. — Quando empregado *comprimido* convém juntar um pouco de trinitrotolueno em pó.

O futuro do trotyl

Alem de ser empregado no carregamento das granadas explosivas, no das minas sub-marininas e no dos torpedos, em que elle substitue pouco a pouco, e de um modo brilhante, o acido picrício e o algodão polvora, o trinitrotolueno é utilizado actualmente no estabelecimento dos projectis universaes.

Fabricam-se cordões detonantes vasando-o em um tubo de chumbo o que se não pôde fazer com a melinite, cujo emprego exige um tubo de estanho; e nos detonadores pôde-se substituir tres quartas partes de fulminato de mercurio por um peso menor da metade de trinitrotolueno, o que diminue os perigos da fabricação e o preço dos artifícios.

O trinitrotolueno serve para organizar petardos explosivos que, furados de lado a lado e enfiados com contas de um rosario, no momento desejado, sobre o cordão detonante, não exige senão um detonador para explodir.

Entra, emfim, na composição de alguns explosivos, como o *triplastita*, em que perdendo um

pouco de suas qualidades explosivas, adquire grande *insensibilidade*, a *densidade* chega a atingir 1,9 e a *plasticidade* é tal que permite trabalhar em condições excepcionalmente faceis.

A adopção do trotyl foi causa dos recentes e notaveis progressos na preparação e emprego dos explosivos militares.

Exercícios Tácticos

Com unidades figuradas em esqueleto

Tradução livre de um folheto do coronel Hoppenstedt. 1912.

(CONTINUAÇÃO)

Um exemplo

A's 10¹⁰ quando a ala direita do meio batalhão 7^a, 8^a/40, em vista das fortes perdas causadas pela artilharia, procurava e achava cobertura no leito do Federbach, o inimigo retirou de Aulach. A' mesma hora o Regimento recebeu esta ordem da brigada:

"Estação Malsch, 9.⁵⁰ — A ala direita do inimigo acha-se na estrada Muggensturm — Bischweier atras do Buchgraben, posição avançada na Marg. Kap., fortes reservas em Bischweier. Sua ala esquerda parece estar em Rauenthal. A 55.^a Br. I. ataca a E. da e. Muggensturm — Kuppenheim, em contacto com ella o R. 111.^a até Aulach inclusive, em contacto com este o R. 40^a. A ala direita do 111^a avança contra a parte N. E. de Rauenthal. Duas baterias tomam posição no Hirschgrund. Eu fico com o 111^a".

Em consequencia o coronel do R. 40^a ordenou:

1.^a á 1.^a/R. A. 50.^a, por sinalheiro:

"A bateria atire até ás 11 horas com intensidade contra a parte N. de Ranenthal".

2.^a Ao I/40^a, pessoalmente:

"O I/40^a reforçado pela 5^a/40^a inicia imediatamente o combate, entre o arroio e a estrada, contra Rauenthal. Apoio pela artilharia. A's 11 horas em ponto esta desvia seu fogo: é o momento de assaltar. A rua da aldeia até a egreja cabe á 5.^a/40.^a; á esquerda della avançam a 7.^a e a 8.^a, á direita do batalhão uma companhia do III/40.^a com a Comp. Metr. apoia o ataque por seu fogo. Eu fico no Schäferrain".

3.^a Ao III/40.^a (pelo ajdte. do batalhão):

"O Regimento ataca Rauenthal. O I/40.^o entre o arroio e a estrada. Apoie com uma companhia e a de metralhadoras esse ataque, de uma posição da ponta de matto a O. do arroio. Às 11 horas o I/40.^o dá o assalto.

Transmittir essa ordem à 6.^a/40.^o que deve distrahir o inimigo na parte S. O. de Rauenthal e à 12.^a/40.^o que deve fazê-lo no Oberwald".

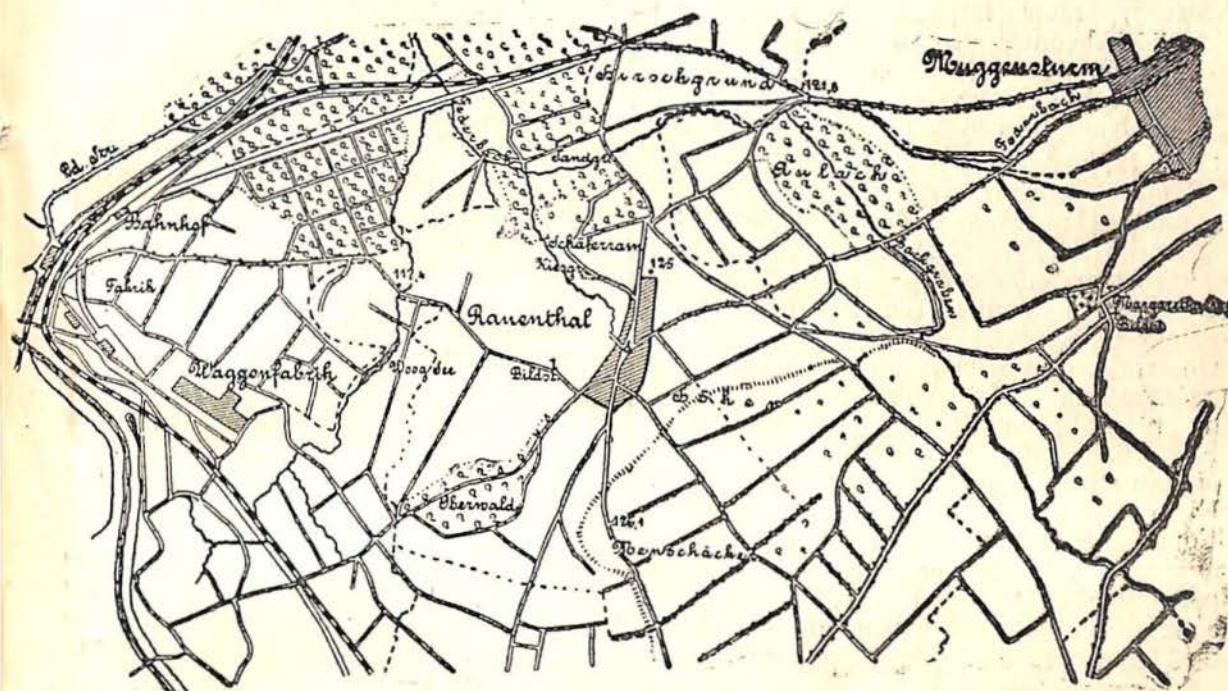
4.^a Ao II/40.^o (pelo ajdte. do R.):

"O II/40.^o sem a 5.^a e a 6.^a ataca a E. do caminho Oetigheim—Rauenthal a parte N. de Rauenthal. O I/40.^o dá o as-

gada por um cyclista, quando se estabeleceu a ligação telephonica (hypothese). A brigada communicava que o R. 111.^o se havia desenvolvido do Aulach, mas não conseguia avançar e que a 55.^a Br. I. havia tomado Marg. Kap. e atacava adiante, levando tambem um destacamento de flanco por Niederweier em direcção a Bischweier.

A esse tempo todo o 40.^o estava em combate.

Do I/40^o duas companhias (1.^a e 2.^a) entre a Kiesgrube e a 5^a/40.^o. Sua primeira posição de fogo achava-se a 200 m. e menos do inimigo.



salto às 11.^o Não encher demais essa aldeia! A rua da aldeia até á egreja pertence á 5.^a/40^o.

A esse tempo um official de artilharia participava a tomada de posição pelas 2.^a e 3.^a/R. A. 50.^o (quadros amarelos), atraç da altura do Hirschgrund.

O official foi orientado sobre as ordens dadas, e por elle se mandou a essa artilharia o pedido de atirar até às 11^o (confrontaram os relogios) com uma bateria contra a orla N. de Rauenthal e com a outra contra a artilharia que mais difficultasse o progresso da infantaria atacante.

Entrementes o ajudante do R. desenhára em um esboço muito simples o grupamento do ataque, e ia remettel-o á bri-

Este se achava sob vivo fogo do inimigo de artilharia (marcada pela constante agitação de bandeiras brancas em sua linha). Se, não obstante as 5.^a, 1.^a e 2.^a/4^o, soffriam grandes baixas, a causa estava, no fogo da artilharia inimiga.

A' esquerda da 5^a haviam se desenvolvido a 7.^a e 8.^a; á direita do I/40.^o a 9.^a com a Comp. Metr. Mais o S. O. a 6.^a e a 12.^a/40.^o ocupavam o campo em linha muito tenue (os quadros tinham grandes intervallos).

O commandante do R. reunira as companhias não empenhadas 3.^a, 4.^a, 10.^a, 11.^a, á sua disposição atraç do Schäferrain.

São onze horas.

Instantaneamente muda a scena. Desapparecem as bandeiras Brancas de Rauen-

thal, no mesmo momento sóam as corinetas no I e no II/40.^o e a linha de atiradores precipita-se contra a orla da aldeia, da qual pouco depois o defensor começa a recuar.

Por numerosos claros do perimetro da aldeia invadem-na os atacantes, apezar da proibição expressa. Mas depressa acham resistencia.

No meio da povoação, no pequeno largo limitado ao S. pela capella ha um reducto fortemente guarnecido, como mostra uma cadeia cerrada de quadros vermelhos. O arbitro explica: casas fortificadas, barricadas, arame farpado... E um reducto identico encontra na sahida para Muggensturm o R. 111.^o Ha o entrevero, o combate á queima roupa.

Sob a protecção do fogo da Comp. Metr. e da 1.^a/R. A 50.^o as 9.^a, 6.^a e 12^a/40.^o, mais ao S., pudéram progredir. A 12^a já tomou o Oberwald, a 6^a e 9^a se approximam da parte S. de Rauenthal. Eis que o partido vermelho contra-ataca.

Seis companhias (de quadros) irromperam da posição principal, duas contra Oberwald, quatro contra a aldeia, e chegam agora á sua orla O. Sob seu fogo reforçado pelo de metralhadoras e artilharia, as 9.^a e 6.^a recuam e correm risco de ser anniquilados naquelle campo descoberto. Nisto recebem auxilio. Primeiramente da Comp. Metr. que tomára a iniciativa de avançar para a Kiesgrub, depois de duas peças que a 2.^a bateria tinha lançado para a frente para o acompanhamento immediato do ataque de infantaria, e principalmente pelo contra-ataque da reserva do R. O coronel do 40.^o R. tinha feito avançar suas 4 companhias de reserva até a aldeia, e acabára de dar ordem ás 7.^a e 8.^a apertadas entre a 5.^a e o 111^o, que passassem á reserva, quando percebeu o contra-ataque vermelho.

Immediatamente lançou as 10^a 11^a, sob o commando do major de III/40^o, ao longo da orla da aldeia, contra o seu flanco; seguia-lhe a 3.^a. Esse golpe não só repelliu o inimigo para a aldeia como fê-lo abandonal-a, no que muito cooperaram a 6.^a e a 9.^a. Agora tambem foi tomado o reducto da capella.

A 12^a/40 tinha sustentado a posse do Oberwald, principalmente porque o 1^a/R. C. 21^o tinha prendido pelo fogo a ala esquerda das companhias inimigas atacantes.

Eram 11.³⁰ As tropas punham-se em ordem na aldeia sob condições difficillimas, pois agora a artilharia inimiga fazia alvo da aldeia, como demonstravam as bandeiras brancas, incansavelmente agitadas.

O commandante do R. deu nova ordem extremamente summaria: «Desenvolvimento na orla da aldeia. O major do III/40 commanda ao S. da capella, o do I/40 N. da mesma. Companhias dispensaveis se reunem á minha disposição, sob major do II/40, atraç da aldeia. Na rua da aldeia só as reservas de sector. Abrir passagens.

Eu acho-me na capella de onde darei ordem para avançar».

A reserva do R. que era composta da 4^a/40^o e partes da 7.^a e da 8.^a cresceu consideravelmente por effeito desta ordem.

O successo do 40^o R. tambem arrastára o 111^o, que chegára á altura da aldeia, ao passo que sua ala esquerda mal conseguia passar alem do Aulach. A 55^o Br. S. tambem não fazia progresso. Provavelmente em vista dessa situação chegou a seguinte ordem da brigada, pelo telephone (hypothese):

«Tendo o inimigo superioridade na ala esquerda a Divisão vae procurar agora a decisao na ala direita. Para esse fim reforça-se a brigada com 6 companhias do R. 109. Eu avanço com ellas de Aulach em direccão Sul. O R. 40^o apoie este atavançando tambem de Rauenthal em direccão S. E. A artilharia da D. tem ordem de dirigir seu fogo principalmente para esse ponto de ruptura. Acho-me na orla S. de Aulach.» Em vista disso o coronel do R. 40 ordenou ao major do III/40^o:

“O ponto de ruptura da D. acha-se no sector de combate do R. 111^o, para isso reforçado por 6 companhias do 109^o. Quasi toda a artilharia da D. prepara esse ataque. Ataque principal do R. 40^o de ambos os lados do caminho Rauenthal-Bischweiler. O ataque das tropas sob vosso commando será apoiado pelas metralhadoras das casas, e pela minha reserva. Eu darei a ordem de avançar.”

Os outros commandantes de batalhão receberam ordens correspondentes; a reserva foi levada para o S. da capella, e informou-se a 1^a/R. A. 50^o que já tinha mudado de posição e já estava atirando contra o ponto de ruptura, por entre o Oberwald e a aldeia.

Quando ás 12⁰⁰ se percebeu que as

companhias do 109º sahiam do Aulach foi dada a ordem para o ataque. Este fracassou a principio, porque—segundo sentença do inspirado arbitro—as reservas ao saharem da aldeia foram para lá rechaçadas pelo fogo inimigo. Mas em breve elas avancançaram de novo, e desta vez com successo. Quando depois ainda algumas companhias obliquaram um oitavo á esquerda para tomar de flanco a parte do inimigo que ainda resistia ao 111º, o director suspendeu o combate e reuniu os officiaes pelo respectivo toque, fazendo chamar tambem os sargentos mais antigos para a critica, e dispensando a tropa. Eram 12³⁰.

(Continua)

Topographia Militar

Extrahido do "Livro de recapitulação para o uso da tropa", do Capitão Cebrian, professor na Escola de Guerra de Danzig. 1914.

II. Reconhecimentos applicados na zona de concentração

2. Rêde de estradas

64. Os reconhecimentos de localidades e seus arredores serão muitas vezes serviço do official de subsistencia designado em cada commando de corpo de exercito, cada batalhão de infantaria, regimento de cavallaria, grupo de artilharia, grupo de columna de munições ou batalhão de artilharia pesada. Servem lhe de base as estatísticas officiaes que existem sobre o territorio nacional e uma parte do territorio estrangeiro elles constituem uma synopse da capacidade economica das regiões, e com os dados municipaes informam sobre a capacidade de alojar tropas, ou a importancia como theatro de requisições para armazens.

Como aos officiaes de subsistencia cabe em geral a compra ou requisição dos generos alimenticios e necessarios de bivaque para sua tropa, cumpre-lhes familiarisar-se especialmente com a capacidade da zona de concentração. Elles encontram o terreno preparado antes do desembarque ou durante elle na estação terminal da estrada de ferro, pois desde os primeiros dias da mobilização ahí entraram em actividade funcionários da subsistencia fazendo o reconhecimento preliminar e assentamento das primeiras medidas executivas. Serão indispensaveis os reconhecimentos locaes nos quarteis da tropa.

Pôde ter lugar pelo maior tempo, como é de desejar, a alimentação pelos habitantes mediante pagamento em dinheiro á vista, ou em lugar disso é possivel a compra dos generos pela tropa?

Em territorio inimigo exige-se a alimentação prompta fornecida com o quartel, mediante reciproco.

65. As requisições (prohibidas na zona de concentração) devem ser evitadas no territorio nacional; quando necessarias serão executadas em primeira linha por funcionarios militares, escoltados, se preciso fôr, por uma força commandada por official.

Em circumstancias especiaes (p. ex., nas divisões de cavallaria) será preciso incumbir desse serviço officiaes combatentes.

Para a extensão das zonas de requisição influe, como decisiva, a questão da necessidade a satisfazer, em ligação com a capacidade do paiz.

Será preciso sempre reconhecer :

a) numero e efectivo dos destacamentos de requisição, conforme a grandeza dos districtos ;

b) requisição das viaturas e atrelagens necessarias para a)?

c) depois de completo o carregamento em cada localidade, para onde partir? aproveitar a rête viaria! evitar cruzamentos! ha necessidade de escolta especial (p. ex., em mattas extensas)?

d) como entrar na localidade do armazem onde se ha de fazer a entrega da carga, e como sahir?

66. Para as grandes unidades (corpos de exercito, divisões) convem condensar os resultados do reconhecimento em synopses diarias de estacionamento e addital-as á ordem de operações.

III Reconhecimentos applicados

Para uma marcha ao combate (de encontro)

67. Na França cada exercito é em geral precedido de pequenos destacamentos de todas as armas, em larga frente, á maneira de véo. Portanto, pelo seu fogo ou pelas condições do terreno pôde ser prematuramente entravada a actividade da nossa cavallaria. Assim a nossa cavallaria encontrando destacamentos mixtos não tem por isso descoberto as forças inimigas principaes. Serão necessarios os reconhecimentos que traspassem esse véo afim de descobril-as.

68. A marcha de frente de um exer-

cito russo é precedida de chamados destacamentos de caçadores de infantaria, até á distancia de cerca de 15 km., caso a distancia exceda de 5 km. elles são seguidos de destacamentos que lhes servem de apoio e de collector de informações (contra disposições: reconhecimento destes e sua captura)!

69. Logo que o esclarecimento pela cavalaria não tenha exito ou se retarde muito, o commando superior tem que fazer cooperar as outras armas no esclarecimento contíguo. Este caso apresentar-se á mais cedo ou mais tarde, conforme o terreno:

Na planicie (altiplanicie, planalto, bai xada). Não apresenta á vista diferenças de altura notaveis, prejudicando pois a cobertura e, conforme sua cultura, tambem a visibilidade. As patrulhas hão de desviar-se occultamente nas mattas, salvo se fôrem tão invias como nos vales do Bob e do Narew, ou entre Ivangorod e Wlodava.

Ahi se entremeiam largas baixadas pantanosas pouco habitadas e mattas encharcadas, sem bons caminhos. Aliás o excesso dagua pôde empantanar os caminhos ou dar-lhes a significação de longos desfiladeiros (Hollanda, Lombardia).

Reconhecer portanto:

- a) praticabilidade e viabilidade, natureza do solo, obstaculos;
- b) visibilidade, obstaculos: sébes, mattas, cultura; pontos dominantes: torres de igrejas, moinhos de vento, medas, arvores;
- c) cobertura: cultura, vegetação, areaes.

70. *Região ondulada* (terreno ondulado, dunas, cochilhas, morretes) favorece a visibilidade sobre as partes baixas (canhadas, vales, lagos) sem prejuizo da praticabilidade para pequenos destacamentos.

Tanto se deve tirar partido da possibilidade de reconhecer a tempo as medidas do inimigo como da de occultar o movimento das tropas amigas, difficultando assim o reconhecimento inimigo, surprehendendo-o (aterros de estrada de ferro, córtex).

71. *Região montuosa* apresenta nos vales as vantagens da planicie e da região ondulada; nas proximidades dos montes diminue a praticabilidade que finalmente obriga a procurar as gargantas e passos para mais rapida e mais commoda travessia dos divisores de aguas. Ao passo que ahi existem em geral custosas estradas com obras d'arte (aterros, córtex,

pontes) as ligações transversaes por veredas estreitas, ingremes.

Accentúa-se a significação de estradas estreitos e profundas barragem mediante recursos tecido pelo fogo de fuzil ou metralhadora nos reconhecimentos, quer em campo (Contornamento)!

O reconhecimento attenda sempre esses desfiladeiros: a) a melhor forma sua defeza acha-se aquem ou ou em seu interior? é possivel completar os d'âdos da carta imprecisa habitantes da região; b) podem toda parte as bagagens de artilleria, columnas de munições e os trens de natureza do chão (pedregulho, terra) dificultar o movimento da cavalaria ou da estrada? d) o terreno permitir de cyclistas?

Tempestades com chuva aumentam a insegurança do trafego e determinam balhos especiaes de sapadores.

72. *Região montanhosa*. A montanha se restringe a poucos vales profundos e longitudinaes; as encostas cumiadas são geralmente inacessíveis à tropa, sobretudo á montada. Pode lado o caracter especial da montanha a capacidade de resistência de uma pequena tropa. O derrotado pode em seus movimentos pelos desfiladeiros das estradas. Cabe á tropa o esclarecimento longinquo e completo.

A transmissão de noticias mente ou por estafetas precisa ser por material semaphorico, bandeira, telephone. As tropas technicas albergam larga applicação para destruir reconstruções de obras d'arte.

73. O reconhecimento da costa de trechos convizinhos não deve ser feito em detalhes. Sempre accentuar o característico para a praticabilidade, efeito de fogo e desenfreado.

Secundariamente pôde ter julgamento de elevações em grande escala, a determinação das condições absoluta e relativa.

74. *O reconhecimento pelo comando superior na marcha de frente*

Não se podem dar regras sempre validas, para a maneira com que o chefe ha de pôr em execução a solução tomada. Se esta não estiver satisfeita dada pela situação de campo, depende da sua vontade a

ha de travar combate. Antes de declarar claramente a sua intenção me-ordem, elle terá que fazer um reuento pessoal e procurar determinar sua conducta ha de ser offensiva ou defensiva, se ha de contemporisar ou

retido no inicio de um combate dentro ha de ser imperfeita a clareza das possibilidades, tanto quanto do terreno. Jamais o chefe ha de depender a sua resolução de es-entos e reconhecimentos demorados. So que sua vontade, sua ordem a tropa como ao terreno; do con-commando e a tropa torna-se-iam no terreno, como se a solução de tão tactica podesse ser assegurada ha de uma posição modelo. A coisa a fazer é aumentar a o para o combate pela concen-tração por desdobramento e desenvol-

escoia do ponto de onde o chefe conhecimento inflúe sobre o acer-ameiras medidas (33). A mudança o prejudica a ligação permanente deve ser effectuada sem motivo. faça, é necessário providenciar as notícias encaminhadas á an-ção sejam guiadas para a nova.

da Defesa Nacional

(CONTINUAÇÃO)

V

A COMMISSÃO EXECUTIVA

A Comissão Executiva do Directorio apõr-se-á de: um Presidente, um Vice-um Secretario Geral, um Primeiro e o Secretario, e um Thesoureiro, eleitos os e pela assembléa geral do Directorio ser reeleitos.

Comissão Executiva dirigirá todos os a Liga; sim de cada anno social, em 7 de setem-entará ao Directorio Central, por meio ho Fiscal, um relatorio de todos os hos, com a exhibição minuciosa e do-da receita e da despeza, e da gestão da Liga; caso de morte, desistencia ou perda s vagas serão preenchidas, dentro do l, pela escolha dos outros vice-presi-Liga.

VI

DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal, que se comporá mbros, inspecionará o estado finan-conomico da Liga, e a applicação dos es; e examinará, sempre que entender,

todos os documentos convenientes ao seu estudo. Dará, nas epochas previstas pelos Estatutos, o seu parecer por escripto.

VII

DOS DIRECTORIOS REGIONAIS

Art. 8. Em cada Estado do Brazil haverá um Directorio Regional de dez a vinte e cinco membros permanentes; em caso de morte, desistencia ou perda de cargo, as vagas serão preenchidas pela nomeação do Directorio Central.

Estes Directorios Regionaes:

a) elegerão as suas Comissões Executivas, com Presidente, vice-Presidente, Secretario e The-zoureiro;

b) estabelecerão, sempre que o julgarem ne-cessario, em todas as cidades e nucleos de popu-lação, Comissões de Delegados;

c) dirigirão a acção e a propaganda da Liga nos Estados, de acordo com estes Estatutos;

d) organizar-se-ão por meio de regimentos in-ternos, de acordo com estes Estatutos.

Art. 9. Os Presidentes dos Directorios Re-gionaes serão sempre os Presidentes ou Go-ver-nadores dos Estados.

VIII

DO PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

Art. 10. O Presidente da Comissão Execu-tiva, que será sempre um dos Vice-Presidentes da Liga, representará esta, em todos os actos, para todos os fins sociaes e juridicos.

IX

DO VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

Art. 11. O Vice-Presidente da Comissão Executiva, que será sempre um dos Vice-Presi-dentes da Liga, auxiliará e substituirá o Presi-dente nos seus impedimentos.

X

DO SECRETARIO GERAL

Art. 12. O Secretario Geral da Comissão Executiva e da Liga, que será sempre um membro do Directorio Central, dirigirá todo o serviço de correspondencia da Liga. Será auxiliado e substi-tuído em seus impedimentos, pelo Primeiro e pelo Segundo Secretario, respectivamente. Poderá nomear os auxiliares da Secretaria, que julgar necessarios. Será responsavel pela acção da Se-cretaria.

XI

DO THESOUREIRO

Art. 13. Ao Thesoureiro da Comissão Exe-cutiva e da Liga competirá: a arrecadação, depo-sito, emprego, despeza e movimento geral das contribuições, donativos legados, e de todos os fundos da Liga. Escolherá livremente os conta-dores, que julgar necessarios. Será responsavel pela acção da Thesouraria, recolhendo a Bancos os fundos sociaes.

XII

DOS SOCIOS

Art. 14. Haverá duas categorias de socios adherentes: I — associações: II — individuos.

Art. 15. As associações ou ligas adherentes á Liga da Defesa Nacional darão a contribuição an-nual de 100\$000, em prestações semestraes ou annuaes.

Art. 16. Os socios adherentes serão:

a) Honorarios, os que prestarem serviços relevantes á Liga;

b) Benemeritos,—os que offerecerem á Liga um donativo nunca inferior a 1:000\$000 em uma só prestação, ficando isentos de qualquer contribuição mensal ou annal.

c) Effectivos,—os que contribuitem com a quota annual de 12:000 em prestações mensaes, trimestraes, semestraes e annuaes.

d) Remidos: as corporações, que fizerem uma contribuição unica de 500\$000, e os individuos, que fizerem uma contribuição unica de 200\$000.

Art. 17. Serão considerados socios effectivos e gratuitos todos os professores e sacerdotes que aderirem á Liga.

(Continúa)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes:

O Tiro n. 7, anno I, n. 3.

Revista Marítima Brazileira, numeros de Agosto e Setembro de 1916.

Revista dos Militares, de Outubro, 1916.

Revista Pedagogica, de Outubro, 1916.

A Batalha de Riachuelo, conferencia pelo capitão Jorge Pinheiro.

Boletim n. 25 da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

Memorial del Exerjito de Chile, Outubro, 1916.

As industrias militares em nosso Paiz, conferencias pelo capitão Egydio M. de Castro e Silva.

A primeira conferencia tem por thema: *Sugestões da guerra. Plano de conjunto e methodo de execução. Nacionalização das industrias militares. Materia prima.* O conferencista, auxiliado por um bom estylo e por uma bella forma, mostra-nos a perigosa situação das nações que, longe dos campos de batalha, onde a unica preocupação é a victoria, «pairam na duvida, sob um céo constellado de interrogações». Diz-nos, com grande presteza e oportunidade que «o momento só comporta resoluções. A instrucção militar obrigatoria e a nacionalização das industrias militares e suas accessorias, constituem necessidades imperiosas que precisam deixar de ser uma aspiração brazileira para se tornarem uma realidade».

Na exploração do plano e methodo evidencia, tambem, o inconveniente muito commum de sermos obrigados a tudo estudar sem podermos, siquer, bem conhecer uma especialidade e ainda o modo *ligeiro* pelo qual resolvemos todas as questões, com ausencia de concepção e plano de conjunto. Faz d'ahi resaltarem o pessimo resultado conseguido e o exagerado dispendio. Encara o problema 1º sob o ponto de vista nacional, passando em revista, detalhadamente e com muita competencia, as matérias primas, estuda-o sob o ponto de vista economico—financeiro, batendo-se com entusiasmo e convicção pela electro-metallurgia e pela electro-siderurgia no Brazil.

O auctor termina a sua primeira conferencia com estas palavras cheias de grandes verdades:

«Eis porque estou aqui me batendo pela nacionalização das industrias militares, que consi-

dero uma das necessidades de vida ou de morte para o nosso paiz. Senhores, vós estais vei praticamente através a dura experientia que desenvolve no mais aperfeiçoadão laboratorio mundo, que todo o radicalismo pacifista ou cialista ou anarchista se extingue diante Patria em guerra.

Ser vencido apenas pela superioridade esmagadora, é tombar com honra para replantar a patria sempre latente, a resurgir. Ser vencido, porém, pela indiferença ou inaptidão, é ser milhado para assistir á destruição dos germes da propria nacionalidade, a extinguir-se. E que reconheçemos nos nossos Avós — os heróis fundadores de uma Patria vasta, rica e trosa, não havemos de querer legar aos nossos filhos o escarneo infamante do seu infortunio.

Como these tem a 2ª conferencia: *Apparegem technica. Mão de obra. Programma e conselho.* Na apparelhagem technica o illustre conferencista relata sobre as nossas fabricas de vora, mecanica e chimica, fabrica de cartuchos artefactos e arsenais.

Mostra o seu verdadeiro estado e os mentos e recursos ás mesmas necessarios que utilizando muitas das matérias primas existentes no paiz, possam elles bem se desenhar de sua missão.

Estuda com grande conhecimento de causa a mão de obra, a situação e condição dos operarios militares, a instrucção profissional e larario, apresentando, tambem, um programma seus traços geraes para a realização das indústrias militares no Brazil.

O capitão Egydio de Castro e Silva termina com o patriotico *Appello necessario* do qual transcrevemos os seguintes trechos:

«Arrebatados, de certo tempo a esta pátria pelos fulgores da civilisação moderna, parece a fascinação do deslumbramento nos arrancar do pedestal, atirando-nos, inconscientes, á illusoria e fuga dos expedientes de occidente. Eis porque, abalados pela voragem que permanece no nosso paiz, quasi todos os homens bons nestos e uteis vão se deixando levar ao exílio desanimo.

«Façamos, porém, um esforço supremo: juremos do pessimismo, que anniquila as gias, porque é suicidio moral; e desfraldemo o Cruzeiro, o estandarte do optimismo, que a vontade creadora».

EXPEDIENTE

Com este numero distribuimos a 24ª Cédula de Griepenkerl.

*

De ora em diante as assignaturas começam em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

*

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.